

RUGBY



REVISTA

ANO I • N.º 7 • ABRIL 1981 • 40\$00

**FIRA:
O PORTUGAL-BÉLGICA
E O TORNEIO DE MADRID**

TÉCNICO É CAMPEÃO

ELEITO O "XV IDEAL"

ALTERAÇÕES ÀS LEIS

**RESCALDO
DO CINCO NAÇÕES**

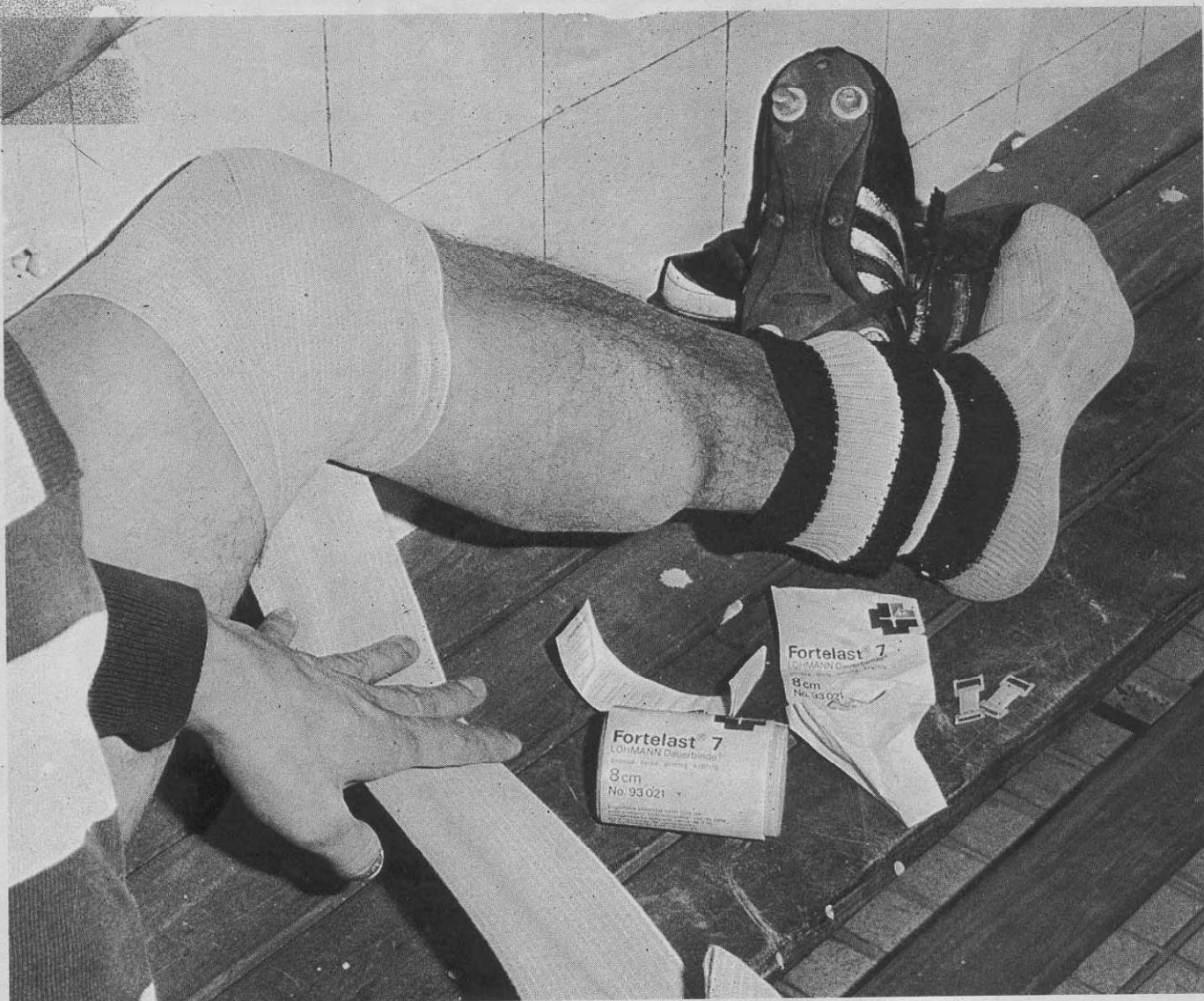


COZINHAS



octogono

Fortelast® 7



A LIGADURA ELÁSTICA

Leve
Resistente
Recuperável



JABA - J. A. Baptista d'Almeida, Lda.

À VENDA NAS FARMÁCIAS

sumário

A I.B. ALTEROU algumas Leis do Jogo	4
O PORTUGAL-BÉLGICA, o comentário e os números	5
JUNIORES EM MADRID, uma actuação normal	9
O TÉCNICO É CAMPEÃO	17
ELEITO O «XV IDEAL»	18
JUVENIS MARCARAM À INGLATERRA	21
PINTO DE MAGALHÃES, comenta o Portugal-Bélgica	25
PEDRO SOUSA RIBEIRO faz o balanço do «Cinco Nações»	31
Por cá	15
II Divisão na fase final	17
Actividade juvenil	23
Federação	24
Lá fora	34



ficha

Director: João Fragoso Mendes.
Consultores Técnicos: Pedro Sousa Ribeiro (Londres) e Vasco Pinto de Magalhães — Cabral Fernandes (Coimbra). **Fotografia:** António Santos, José Maurício e João Queiró (Coimbra), Foto-Rugby. **Direcção Administrativa:** João Manuel de Oliveira. **Colaboradores:** António Aguilhar, António Catarino, Delfim Barreira, Don Rutherford, Duarte Leal, Eduardo Santos Costa, João Bagulho, Joaquim Vasconcelos, José Paixão, Peter Hughes, P.J. Colston, Ron Tennick. **Propriedade:** J.F. Mendes.
Redacção e Administração: Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq., 1000 LISBOA. **Composição e impressão:** Empresa Industrial de Fotolitografia, Lda. — Rua Saraiva de Carvalho, 207-C, Lisboa. **Distribuição:** Rugby-Revista. Edição mensal.

PARAGENS A MAIS

O rugby português, como é do conhecimento geral, regressou este ano ao Torneio da FIRA, no escalão senior, na sequência da sua participação contínua desde 1976 na prova da de juniores.

É de prever que este nível de actividade internacional se venha a manter nas próximas épocas. Isto põe a questão de ser necessário articular estas acções com o normal decorrer das competições a nível interno. E ao fazer esta articulação é conveniente não esquecer que a ocupação o mais integral da temporada deverá ser sempre um objectivo a atingir. Tal é para nós (mesmo) o objectivo principal.

O rugby é um jogo para o jogadores devendo ser organizado e orientado de forma a que estes retirem o máximo de satisfação da sua prática. E quem gosta verdadeiramente do jogo pretende praticá-lo com regularidade. Daí que não se justifiquem quaisquer interrupções ao normal desenrolar da época nacional para a preparação das seleções nacionais. A capacidade rugbística será tanto maior quanto mais regular e equilibrada for a actividade interna.

Não se iludam com fugazes «pseudo brilharetas» ocasionais os que assim não pensam! Se quisermos entrar na idade adulta do rugby português temos de acabar de uma vez para sempre com essas paragens que só provocam frustração nos jogadores que ficam um ou mais fim de semana sem poderem praticar a actividade desportiva que escolheram.

E isto é bastante mais grave se se passar nos escalões mais jovens. Aquilo que este ano se fez nos juniores — a actividade normal interrompida seis semanas, quatro das quais para preparação da selecção nacional — foi um péssimo serviço prestado ao rugby português, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos no Torneio de Madrid. Porventura pensaram os responsáveis por essa decisão nos prejuízos causados às dezenas de jovens que deixaram de praticar regularmente o seu jogo? E quantos destes, frustrados e desiludidos, voltarão as costas ao rugby e optarão por outra modalidade? É bom não esquecer que na idade junior a opção pela prática do rugby ainda não é definitiva e outras atracções poderão cativar os jovens jogadores. Se o princípio das interrupções, antes de jogos internacionais fosse seguido em França e nas Ilhas Britânicas, o que aconteceria aí à actividade normal de Janeiro a Março, altura da realização do Torneio das Cinco Nações?

As concentrações das seleções nacionais deverão ser realizadas nos fins de semana em que não há, por norma, actividade nacional — Fim do Ano e pelo Carnaval. Representar o país é objectivo de muitos jogadores e estes certamente abdicarão de outras eventuais solicitações dessas quadras para poderem vir a alcançar esse objectivo pessoal. — P. S.R.

REUNIÃO DA "BOARD" DECIDIU NOVO CONCEITO DE "BLOCAGEM"

A International Board (IB), o organismo que toma as grandes decisões relativas ao rugby, reuniu, como noticiámos, no passado mês de Março.

A IB, constituída por dois representantes de cada um dos países membros (Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e França) reúne uma vez por ano, no mês de Março, e as suas decisões são tomadas por uma maioria de dois terços. Qualquer proposta para poder ser apreciada na reunião tem que ser apresentada até 1 de Novembro do ano anterior, isto para dar aos membros da IB o tempo suficiente para o seu estudo.

As reuniões têm, normalmente, lugar em Londres mas, a deste ano realizou-se em Cardiff, o que constituiu a forma da IB se associar às comemorações do centenário da federação galesa.

Os pontos fundamentais das decisões ali tomadas já foram assinalados no nosso número de Março, mas não é demais relembrá-los e aprofundar as alterações introduzidas às Leis do Jogo, que terão grande importância nas situações de «pile-up» (Leis 18 e 19).

Mas comecemos pelas decisões tomadas relativas a aspectos administrativos. Assim foi decidido:

- 1 — Para digressões a outros países com duração curta ou média (até 45 dias) o número de jogadores foi fixado em 26 e três dirigentes (antes era 25 e dois, respectivamente);
- 2 — Pode ser atribuído o título de jogador internacional («caps») aos jogadores de países da «Board» que participem em jogos com as selecções da Argentina, Fidji, Japão e Roménia;
- 3 — Os jogadores amadores do Rugby de XIII poderão passar a jogar de «XV». No entanto não é permitido actuar nos dois tipos de jogo simultaneamente (antigamente qualquer jogador que praticasse Rugby de XIII estava banido para toda a vida de jogar de «XV»);
- 4 — Estabelecer um sistema de nomeação de árbitros neutrais para os jogos internacionais, com uma coordenação centralizada dessas nomeações (anti-

gamente, nas digressões dos países do norte, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Gales e França ao hemisfério sul, os jogos eram, normalmente, dirigidos por árbitros do país que recebia). Iremos pois, dentro em breve, ver árbitros australianos, neo-zelandeses e sul-africanos no Torneio das Cinco Nações. Esta medida permitirá uma maior aproximação na interpretação das Leis do Jogo.

ALTERAÇÕES ÀS LEIS

No que respeita às Leis, as decisões tomadas dizem respeito aos pontos seguintes:

- LEI 3 — Passa a ser permitido até seis substituições nos jogos entre «escolares» — jogos em que todos os jogadores tenham menos de 19 anos;
- LEI 4 — Passa a ser proibida o uso de botas com sete «pitons» (os seis normais e o isolado na biqueira);
- LEI 18 — Alterada a definição de blocagem («Tenu») para: «Há blocagem («Tenu») quando um jogador, portador da bola é, no terreno-de-jogo, agarrado por um ou mais adversários de tal modo que é atirado para o chão ou a bola toca no solo. Se o portador da bola não estiver apoiado nos seus pés, tal significa que foi atirado ao chão». Nos parágrafos desta Lei foi eliminado tudo aquilo que se refere a um jogador no chão.
- LEI 19 — O parágrafo 1 passa a ter a seguinte redacção: «Um jogador que não tenha sido bloqueado («Tenu») mas que esteja deitado no chão e segurando a bola deve imediatamente passá-la, largá-la, rolar para longe dela, ou levantar-se». E adiciona-se um novo parágrafo que diz: «um jogador apoiado num ou nos dois joelhos, ou sentado no solo é consi-

derado como se estivesse deitado no solo».

LEI 20 — Alterada a ligação dos jogadores das duas primeiras linhas, do seguinte modo: «O pilar esquerdo pode ligar-se ao pilar direito adversário com o seu braço esquerdo pelo interior do braço direito do seu adversário ou colocar a sua mão esquerda ou antebraço na sua coxa esquerda. O pilar direito tem de ligar-se ao pilar esquerdo seu adversário com o seu braço direito sobre o ombro esquerdo do seu opositor».

CLARIFICAR O JOGO

As alterações introduzidas na forma de ligação das duas primeiras linhas tem como objectivo a diminuição das derrocadas das formações, que têm vindo a aumentar nos últimos anos, devido ao modo como os pilares se agarravam, puxando, muitas vezes, os seus opositores directos para baixo, com a mão. Estas derrocadas são perigosas e provocaram já alguns acidentes graves.

Quanto à nova definição de blocagem, ela merece que nos alarguemos um pouco mais, pois vai ter, certamente, grandes implicações no jogo.

Nos últimos anos assistiu-se ao desenvolvimento de situações de «pile-up», situação em que se vê, normalmente, um amontoado de jogadores, deitados no chão, por vezes uns por cima dos outros, à volta da bola. Estas situações tiravam rapidez ao jogo e eram, frequentemente, fonte de conflitos e problemas entre os jogadores. As alterações introduzidas nos dois últimos anos à Lei 19 e a rigidez dos árbitros na sua aplicação não levou à eliminação do problema.

Dá a drástica alteração à «Lei do Bloco» introduzida pela IB. Até agora o jogador só estava bloqueado se duas condições se verificassem *simultaneamente*: estar deitado no chão e a bola estar em contacto com o solo. Isto é, um jogador sentado, ajoelhado ou mesmo deitado no chão, mas sem que a bola tivesse tocado no solo, não estava bloqueado e portanto podia conservar a bola. Agora, com a nova redacção, um jogador está bloqueado e portanto tem de largar a bola se, sendo seu portador, for atirado ao solo, considerando-se como tal se estiver ajoelhado, sentado e deitado.

Isto obrigará a que o jogador, para continuar uma jogada tente ficar sempre de pé. Pensa a IB que esta alteração irá fazer diminuir drasticamente os «pile-up» e encorajar o renascimento dessa situação tão importante no jogo: o «ruck». Aliás o «pile-up» quase que só se desenvolveu na Europa, continuando os australianos e neo-zelandeses a pôr toda a ênfase no «ruck» e a considerar como primordial que o jogo se «mantenha de pé».

Pensamos, tal como a IB que esta alteração contribuirá para tornar o jogo mais claro, mais rápido e portanto mais agradável para jogadores e espectadores. P.S.R. ■





João Pinto de Magalhães, abre, em atitude espectacular, no decorrer do Portugal-Bélgica. Pena que tão poucas vezes as linhas atrasadas tenham sido servidas

MELHOR DO JOGO COM A BÉLGICA FOI A (PROMETEDORA) VITÓRIA

J. FRAGOSO MENDES

Pode dizer-se que o melhor do encontro que opôs os «quinze» de Portugal e da Bélgica foi a vitória que manteve as ambições portuguesas, quanto ao triunfo final no Grupo C do Campeonato da F I R A, perfeitamente intactas, e até reforçadas, já que os belgas eram os principais adversários.

Na realidade, no que diz respeito à exibição de Portugal as coisas estiveram longe, muito longe, mesmo, daquilo que a selecção nacional tem capacidade para fazer. É certo que a Bélgica constituiu um adversário mais difícil que os modestos suíços, mas, cremos com um pouco mais de esclarecimento, a equipa nacional escusava de ter passado pelos maus bocados que passou.

Demonstrando uma incapacidade incompreensível para encontrar soluções para os problemas que os belgas iam provocando, o «quinze» português actuou de forma incharacterística. Começando por sentir dificuldades logo no «pack» avançando — intimidado pela dureza do adversário, aliás protegido por uma arbitragem perfeitamente «miópe» — o conjunto português, ainda por cima, resolveu «fechar» o jogo quando, tudo o indicava, se jogasse «aberto», pelas linhas atrasadas, tinha — todas as hipóteses de construir um folgado resultado.

Incompreensivelmente tal não aconteceu — e dizemos incompreensível-

mente, pois sempre que explorou a sua superioridade a nível das linhas atrasadas fez o que quis, progredindo no terreno e causando embaraços à defesa contrária. E, por isso foi permitindo, que a Bélgica, aos poucos, fosse «tomando o pulso», apercebendo-se da arbitragem «permissiva» que a protegia, e da inexplicável placidez dos jogadores portugueses perante o seu jogo duro, chegando, estes a passar por sérias dificuldades.

Portugal começou a partida em bom plano, dominando as «operações». No entanto a insistência no jogo ao pé, no colocar a bola fora do terreno, quando se via que se o jogo fosse aberto a Bélgica não se aguentava foi «estragando» o que de bom ia sendo feito. Compreende-se que de início, para estudo da situação, tal sistema fosse utilizado. Mas, a partir do momento em que se constatou que jogando «aberto» a superioridade era muito maior, não se



O «CDUP» Gramaxo — algo incerto nas suas funções específicas — mostrou-se como um dos mais rápidos e poderosos jogadores das linhas atrasadas.

Este o «drop» que inaugurou o marcador do Portugal-Bélgica. Na sequência de um pontapé-livre, Pedro Eiró — que, enquanto esteve em campo, se mostrou pouco confiante, longe da exuberância demonstrada, por exemplo, frente à Suíça — pontapeia com êxito aos postes belgas. Estava aberto caminho, logo no começo do jogo para uma vitória que acabou por ser difícil.



O ensaio da vitória nasceu assim...



Moita já vai embalado, apoiado por Gramaxo ...



... que dá de imediato a Duarte Lynce ...



... que passa a Domingos Megre ...

RUGBY



percebe muito bem o porquê da insistência. Até porque, embora nas jogadas de linha lateral o equilíbrio — em número de bolas ganhas — tenha sido um facto, o que é verdade é que poucas foram as «touches» que proporcionaram bolas jogáveis.

Assim, muito menos se entende que nem uma única vez Portugal tenha jogado à mão pelas linhas atrasadas a partir dos bastantes pontapés de penalidade de que dispôs. A colocação da bola fora foi o caminho escolhido, por sistema.

UM ENSAIO NA «HORÁ/H»

E pode dizer-se a equipa nacional (superior tecnicamente) poderia ter perdido o jogo. Na fase inicial do segundo tempo, com efeito, as coisas estiveram «feias». Os belgas apercebendo-se de que o adversá-

rio já estava suficientemente «intimidado», pressionaram, reduziram a desvantagem para 9-7 e por pouco não conseguiram virar o resultado. Salvou a equipa nacional, nessa altura, um pontapé mal executado pelo abertura(?) captado por Moita junto à lateral e que acabou por proporcionar um espectacular ensaio, entre os postes. O momento da sua obtenção foi crítico — pode dizer-se marcado na hora H — e «quebrou» a Bélgica, decidindo o jogo.

Se ele não tem acontecido não sabemos, muito sinceramente, até que ponto a selecção portuguesa se aguentaria.

É que nessa altura as linhas atrasadas estavam em «queda», não pressionando na defesa, e permitindo espaço e tempo de manobra aos seus adversários directos, cada vez mais perigosos. O ensaio «salvador» acabou por retirar aos belgas a força animica que os tinha conduzido até uma situação de superioridade, permitindo aos portugueses respirar de alívio e, depois, aguentar, até final, a vantagem preciosa de que dispunham.

POUCA «AGRESSIVIDADE»

Em resumo, poderá dizer-se que Portugal ganhou bem — demonstrou, apesar da actuação não ter sido brilhante, ser superior, principalmente sob o ponto de vista técnico — mas esteve longe do que seria exigível. Não se percebe muito bem o porquê da «permissão» dada ao adversário para jogar duro, sem, como seria natural, ter a devida resposta. Principalmente a nível do «pack» avançado então foram permitidas liberdades que se não entendem.

Como se não percebe como é possível deixar durante todo um jogo o adversário praticar as faltas que os belgas cometeram na «touche». Se o árbitro (verdadeiramente infeliz, sem categoria para dirigir um jogo internacional, marcando inclusivamente faltas que só na cabeça dele existiam) deixava passar em claro todas as «trepelias» cometidas pelos belgas, há sempre maneira de evitar que esses abusos se repitam. O «quinze» nacional foi demasiado contemporizador, pouco «agressivo». Espera-se que, sobretudo no jogo com a Suécia, que se aproxima, os avançados portugueses actuem de forma «agressiva». Se tal não acontecer, se permitirem que nesse aspecto o adversário se superiorize, as coisas podem ficar feias.



... no momento da placagem larga a bola para o seu defesa ...



... que isolado vai marcar entre os postes

ABRIU COM UM "DROP"

Jogo no Estádio Universitário de Coimbra, perante cerca de 3000 espectadores. Terreno em bom estado. Dia nublado, temperatura agradável, sem vento. Arbitragem tecnicamente fraca do marroquino Chitithi. Substituições: — no «quinze» português — aos 48 minutos Pedro Eiró saiu lesionado entrando Roxo (Belenenses) para centro e passando Domingos Megre para abertura; no belga — Moreau cedeu o seu lugar a Gerard (Azub), aos 80 minutos.

PORTUGAL — João Carlos («cap.») (Benfica), Ernesto (Benfica) e Macieira (CDUL); Dores (Técnico) e Rebocho (Académica); Carlos (Técnico), Bernardo (CDUL) e Luís Carlos (Académica); J. Pinto de Magalhães (CDUL) e Pedro Eiró (CDUL) (3.2); Moita (CDUL), Duarte Lynce (Agronomia) (4.2), Domingos Megre (CDUL) (4) e Saraiva Lima (Agronomia); Gramaxo (CDUP).

BÉLGICA — Simon (Black Star), Graci (Frameries) e Cuffolo (Coq. Mosan); Rálet (Coq. Mosan) e Stubbe (Coq. Mosan); Hennen (Soignies), Demoor (Antwerpen) e Billi (Frameries); Giannone (Black Star) e Moreau («cap.») (Asub); Cornet (Avia) (3), Fine (Boitsfort), Goyens (Avia) e Balbourg (RFCL); Lombard (Coq. Mosan) (4).

Resultado final: 15-7; ao intervalo: 9-3.

3-0

3 minutos — Pontapé livre do lado esquerdo. Bola aberta para Eiró que, dentro da área de 22 metros belga, nos 15 metros, tenta o pontapé de ressalto que resulta.

9-0

25 minutos — A linha de três quartos portuguesa jogou pela primeira vez «à mão» até à ponta. Moita (solto) progrediu no terreno, fixou a defesa, e deu a Duarte Lynce que marcou o ensaio, descaído sobre o lado esquerdo. Eiró tentou a transformação com êxito.

9-3

29 minutos — Falta portuguesa no alinhamento, na zona dos 22 metros. Cornet, que antes falhara um pontapé mais fácil, converteu.

9-7

44 minutos — Avançados da Bélgica ganham «ruck» no lado esquerdo. Bola é aberta, linhas atrasadas jogam até à ponta. Aí o portador da bola é placado, forma-se novo «ruck», oval. Sai para a Bélgica, que volta a jogar para a esquerda, apanhando a defesa portuguesa em «contra-pé». O defesa Lombard marca o ensaio na ponta. Cornet falha a transformação.

15-7

58 minutos — Pontapé do abertura (?) belga não atinge a «touche» do lado mais distante. Moita capta a bola, livra-se do ponta e segundo centro adversário, arranca, progredindo, bem apoiado por Gramaxo. Placado pelo centro deu para dentro, para o seu companheiro que faz seguir ime-

diatamente para Duarte Lynce, este passa a Megre que vai marcar entre os postes. Lynce transformou facilmente.

FORMAÇÕES

PORTUGAL: 12 (6+6); duas de introdução adversária

BÉLGICA: 9 (4+5); uma de introdução portuguesa

ALINHAMENTOS

PORTUGAL: 26 (15+11) — Dores (5), Bernardo (9), Luís Carlos (4), Carlos (4), Rebocho (2) e Macieira (2)
BÉLGICA: 11 (3+8)

REAGRUPAMENTOS

PORTUGAL: 7 (6+1)
BÉLGICA: 11 (3+8)

PENALIDADES

PORTUGAL: 17 (8+9), um pontapé de ressalto convertido; 13 para fora; três tentativas falhadas.
BÉLGICA: 20 (11+9), quatro tentativas, uma transformada; seis para fora; um «drop» falhado, e nove abertas.

NOTA: Não se consideraram as penalizações, isto é, as formações, alinhamentos e reagrupamentos que não tiveram sequência.

BÉLGICA VENCEU A DINAMARCA

A Bélgica, uma semana depois de ter perdido, em Coimbra, o comando do Grupo C do Campeonato da FIRA reconquistou-o, ao vencer, em Bruxelas, a Dinamarca, por 34-9 no seu último encontro da «poule».

Os dinamarqueses, entretanto, dois dias antes haviam ganho à Suíça, em Lausane, por 20-16. Desta forma o «quinze» helvético terminou a participação na prova deste ano sem conseguir qualquer ponto.

Os únicos jogos que faltam disputar são os de Portugal, na Dinamarca e na Suécia, respectivamente nos dias

15 e 17 de Maio.

Facilmente se depreenderá que o «quinze» nacional se encontra em excelente posição para triunfar neste Grupo C. Para tanto depende somente de si próprio e, como se tem afirmado, se a equipa nacional conseguir ser igual a si própria, isto é, jogar aquilo que está ao seu alcance, a passagem ao agrupamento B, na temporada que vem, poderá ser um facto. Com efeito, tanto dinamarqueses como suecos, pelas informações disponíveis, mesmo actuando no seu ambiente, poderão ser ultrapassados

com êxito.

De qualquer maneira, é sempre bom encarar estas partidas cautelosamente de forma a não surgirem surpresas desagradáveis.

A classificação do grupo está, agora, assim ordenada:

	J	V	D	M-S	P
Bélgica	4	3	1	55-24	6
Portugal	2	2	—	54-	7 4
Suécia	3	2	1	27-15	4
Dinamarca	3	1	2	33-70	2
Suíça	4	—	4	20-73	0

XIII TORNEIO DE JUNIORES EM MADRID



A França «esmagou» a Espanha, no final do XIII Torneio de juniores da FIRA, disputado em Madrid. Na foto, uma fase desse jogo, com os franceses em vantagem na «touche»

DA “DEGOLA DOS INOCENTES” À NORMAL ACTUAÇÃO DE PORTUGAL

J. FRAGOSO MENDES

Enviado especial

O XIII Torneio Internacional de Juniores da F I R A que decorreu em Madrid de 15 a 19 de Abril provou, uma vez mais, que a orgânica por que se rege a prova é pouco desportiva e de fraco, ou nulo interesse, «roubando-lhe» o tal «tom de festa» de que fala a entidade que a promove.

E como que a dar razão à federação portuguesa, na sua proposta de alteração (que será discutida no próximo congresso da F I R A, a realizar no final de Maio, em Biarritz, juntamente com uma outra, mais compli-



Este um dos dous únicos ensaios marcados por Portugal — ambos frente a Marrocos e por intermédio de Lupi Belo



A equipa portuguesa não teve um chutador à altura. Na imagem, uma tentativa falhada no jogo com a Itália

← cada e que pouco altera a actual fórmula) no primeiro dia da competição assistiu-se ao que se pode classificar como a «degola dos inocentes»: 124-0; da França à RFA, e 75-0, da Itália a Portugal.

É inegável que, neste momento, existem quatro países demasiado fortes para os restantes. A França, Itália, Espanha e Roménia estão longe, muito longe mesmo, das possibilidades de Portugal, da RFA, Marrocos e da União Soviética (deste ano), de forma que a jornada inaugural tem forçosamente de proporcionar resultados como os que se verificaram em Madrid, consequência de jogos de duvidoso, ou nulo interesse tanto para quem dá a «cabazada» como para quem a leva.

Este, em nossa opinião o ponto mais sa-

liente do torneio que, acrescente-se desde já, foi demasiado desinteressante, pouco competitivo e mal organizado.

FRANÇA: UM «PASSEIO»

Como se previa (e não era difícil) a França «passeou-se» e ganhou como quis. A sua superioridade foi (é) de tal ordem que marcou só 206 pontos e sofreu apenas 3, números que atestam bem da sua grande capacidade. De resto, uma vez mais se conclui que existem três grupos de equipas no torneio de FIRA: a França, que constitui um; a Itália, Espanha e Roménia, outro; e os restantes o terceiro.

O 11.º triunfo gaulês — em 20 torneios a França perderá quanto muito dois ou três e isso só acontecerá devido a uma qualquer «distracção» — foi como se compreenderá indiscutível. Com um «pack» avançado que joga como tal, constituído por jogadores de um impressionante índice atlético (à vontade, o seu peso total deveria andar perto dos 800 quilos), senhores de uma técnica, para nós, fabulosa (o n.º 8 então revelou-se como um grande jogador) e umas linhas atrasadas, se bem que, naturalmente, de menor índice atlético, com uma capacidade e um «andamento» inacessível, por exemplo para a selecção senior portuguesa para não irmos mais longe.

A Espanha, entretanto, que se classificou em segundo lugar, se bem longe, muito longe, da capacidade dos franceses (os 48-0

da final atestam essa diferença) está, neste momento já muito afastada das nossas possibilidades. Começa logo pelo peso da equipa. Os avançados eram também eles «enormes», embora inferiores tecnicamente aos «tricolores» — somente o flâiqueador

RESULTADOS

1.ª Jornada

Itália	75 — Portugal	0
França	124 — RFA	0
Roménia	18 — URSS	0
Espanha	10 — Marrocos	6

2.ª Jornada

Portugal	10 — Marrocos	6	
URSS	11 — RFA	9	5.º/8.º
Espanha	15 — Itália	10	
França	34 — Roménia	3	1.º/4.º

3.ª Jornada

Espanha	48 — França	0	1.º/2.º
Itália	25 — Roménia	18	3.º/4.º
Portugal	0 — URSS	12	5.º/6.º
RFA	20 — Marrocos	18	7.º/8.º

Alejandro Prehn se mostrou jogador ao nível dos franceses. As linhas atrasadas revelaram-se mais fracas, fazendo, ainda assim, o que se pode considerar como o «trivial». Sem grandes rasgos mas eficientes — frente não os franceses, bem entendido. Os espanhóis começaram por bater facilmente Marrocos, o que surpreendeu, ganharam depois, ainda mais surpreendentemente à Itália (demasiado confiante) e



Os avançados — aqui no jogo com Marrocos — principalmente, a primeira e segundo melhor comportamento no torneio



Pierre Villepreux, uma «figura» presente em Madrid

chegaram ao jogo decisivo, onde baquearam estrondosamente.

Os italianos começaram por bater Portugal por números que atestam da sua superioridade (noutro local esse jogo é analisado em pormenor). Se bem que de boa compleição atlética eram, no entanto, principalmente a nível de avançados inferiores tanto aos franceses como aos espanhóis. Tinham era umas linhas atrasadas, ainda que inferiores à francesa superiores às da Espanha. Depois, do «massacre» a Portugal confiaram demasiado e, surpreendentemente foram batidos pelos espanhóis. Algumas mudanças intro-

duzidas por Pierre Villepreux na equipa, sobretudo no «pack» avançado — a Itália alimentava esperanças de se bater com a França na final de igual para igual — foram fátia ao «quinze» transalpino.

A Roménia, esteve igual a si própria. Isto é, a equipa que apresentou em Madrid foi em tudo muito semelhante aquelas que nos últimos anos têm participado na prova. A mais acessível — continuamos a comparar com as nossas possibilidades — de todas as que obtiveram os primeiros lugares, mostrou-se a de menor «peso».

OUTRO CAMPEONATO

Passando aos «quinze» do «nosso campeonato», isto é, os derrotados do primeiro dia, pode dizer-se que o seu nível foi muito semelhante.

A União Soviética apresentou uma equipa inferior, sob o ponto de vista físico, às dos dois últimos anos, se bem que atleticamente os seus jogadores fossem bem dotados, mas em compensação revelou-se senhora de muito melhor técnica, sobretudo a nível dos avançados. Impressionou a sua actuação nos «ruck» — não vimos os soviéticos num reagrupamento deixar ir a bola ao chão — situação em que demonstraram uma técnica apuradíssima.

A RFA também deu a sensação de ter subido sob o ponto de vista técnico. Quanto à envergadura física, a equipa que esteve em Madrid esteve ao nível das que habitualmente participam na prova.

Finalmente Marrocos, último classificado, e sobre quem noutro local falamos mais pormenorizadamente, terá sido quem mais «gozou» nesta 13.ª edição do Torneio da FIRA. É certo que perdeu os três jogos, mas tal aconteceu por pequenas diferenças: 10-6 com a Espanha e Portugal, e 11-9 com a RFA.

ACTUAÇÃO NORMAL

Quanto a Portugal, tem de considerar-se a sua actuação como normal. Perdeu com uma equipa do «outro campeonato» — por números exagerados, o único senão — e com os seus «pares» ganhou e foi derrotado.

Fundamentalmente, este «quinze» que esteve em Madrid, «pecou» em quatro pontos. Em primeiro lugar a terceira linha jogou por sistema pregada à «melée», apoiando muito pouco tanto a atacar como a defender; depois faltou-lhe um abertura de estilo «agressivo», isto é, um jogador com poder de perfuração: essa agressividade faltou também aos três quartos, que só a espaços pressionaram, demonstrando, por outro lado, muita precipitação e falta de esclarecimento; finalmente faltou a esta equipa portuguesa um chutador que não desperdiçasse as oportunidades relativamente fáceis que a equipa teve à sua disposição.

Numa breve apreciação individual pode dizer-se que as primeira e segunda linhas estiveram em bom plano. Naturalmente mais à vontade nos dois últimos jogos, bateram-se excelentemente e, contra Marrocos foi aí que a equipa nacional começou a ganhar.

A terceira linha junto (e na) «melée» esteve bem, o mesmo sucedendo no jogo aberto, enquanto especificamente de avançados. O senão foi a deficiente cobertura do terreno, sobretudo dos dois flaqueadores.

O formação, enquanto à roda da «melée», e nas jogadas de linha lateral realizou excelentes jogos. Tal como os flaqueadores o seu apoio é que não foi o melhor.

Quanto ao abertura, já atrás referimos o defeito principal. Quanto ao resto, chutou bem (excepção feita ao jogo com a Itália em que esteve desastrado — seria nervosismo?) e passou correctamente, tomando, normalmente as decisões — tal como o formação — mais acertadas à situação que se lhe deparava.

No que respeita aos três quartos, muito sinceramente, esperávamos mais. Pouco esclarecimento, falta de agressividade e deficiências no passe e na recepção comprometeram as suas actuações (não houve excepções) no que diz respeito ao jogo atacante. A defender, de uma forma geral, actuaram em plano razoável. A excepção foi o jogo com a Itália em que a nível de centros, principalmente, as coisas estiveram francamente mal.

O defesa, finalmente, foi o melhor elemento das linhas atrasadas. Defendendo bem, (frente à Itália pouco mais poderia fazer) e, principalmente, atacando excelentemente, revelou-se o mais perigoso «três quartos» da equipa. Esteve em quase todas as situações de ensaio obtendo (não foi por acaso) os dois únicos que a selecção marcou. ➔



da linhas, foram o sector que registou

Portugal 0 - Itália 75

EQUIPA PORTUGUESA "AJUDOU" DERROTA POR NÚMEROS INESPERA

Perder com a Itália estava no «programa». Mas a selecção nacional estreiar-se no XIII Torneio Internacional de Juniores da FIRA sofrendo 75 pontos não estava nas previsões mesmo dos mais pessimistas. Quando há um mês aqui se escreveu que as hipóteses portuguesas frente aos italianos eram remotas não pensámos que se atingissem números como aquele que o marcador acusava no final dos 80 minutos do jogo de Orcasitas.

O inesperado do resultado terá sido para muitos um autêntico «balde de água fria». É que para lá dos 75 pontos sofridos o «quinze» nacional mostrou-se verdadeiramente inferior. Perfeitamente desorganizado, cometendo erros sobre erros, como se de infantis se tratassem. Isso, mais que os 14 ensaios sofridos, foi o que surpreendeu tudo e todos (incluindo, por certo, os próprios jogadores).

É certo que a selecção nacional teve pela frente um «quinze» com outro «andamento» — acima mesmo, cremos, das nossas equi-

pas de I divisão — fisicamente bem dotado, praticando um rugby adulto, patenteando uma técnica excelente, e que resultou «só» de uma escolha entre cerca de cinco mil jogadores de 250 clubes. Ainda por cima os portugueses, inferiores fisicamente, sujeitos a intensa pressão «perderam a cabeça» e cometeram asneiras verdadeiramente infantis.

As linhas atrasadas, então, facilitaram demais. Mal posicionados no terreno, abrindo «buracos» de todo o tamanho, placando deficientemente, os três quartos portugueses, sobretudo a nível de centros (sempre mal colocados) permitiram, ao longo de todo o tempo, que os italianos «entrassem» como queriam. Sofrer 14 ensaios, por muito superior que o adversário seja demonstra que algo esteve mal no capítulo defensivo.

Acresce ainda que a terceira linha jogou sistematicamente «pregada» à «melée». É certo que o esgotamento, a partir de certa

altura, determinou que isso sucedesse, mas até aí pouco se viu a terceira linha dobrar, «tapando», como lhe compete, em situações defensivas, o caminho ao adversário. Mas, repete-se não foi por isso que o resultado se avolumou da forma como aconteceu. Grandes responsáveis por isso foram os três quartos que permitiram aos seus adversários espaço, tempo e todas as facilidades para irem ao ensaio.

A partir de certa altura (meio do segundo tempo) muito naturalmente, com o resultado a crescer assustadoramente, certo desfalecimento, apoderou-se da equipa que terá pensado que mais dez ou 15 pontos não tinham importância. O que era preciso era que o tempo passasse e o jogo terminasse.

Refira-se, como pormenor elucidativo do desacerto geral da equipa, o facto de seis ensaios (quatro dos quais directamente) terem resultado de pontapés que os portugueses não conseguiram colocar na «touche».

Portugal 10 - Marrocos 6

RESULTADO FICOU AQUÉM DO QUE

O segundo encontro do «quinze» nacional, frente a Marrocos era encarado com certa apreensão. Em primeiro lugar os norte africanos, dois dias antes, haviam perdido somente por 10-6 com a Espanha e, mais do que isso, haviam-se revelado extraordinariamente combativos, utilizando um tipo de jogo «lutador», correndo os 80 minutos, defendendo «em cima» não dando espaços. Depois, temia-se que a equipa portuguesa não recuperasse psicologicamente do desaire da primeira jornada.

Se no que diz respeito ao primeiro ponto tudo o que os marroquinos haviam mostrado frente aos espanhóis se confirmou, no que se refere ao estado psicológico dos rugbistas portugueses, cedo se constatou que o jogo com a Itália não havia deixado marcas.

Na realidade, Portugal apesar de ter sofrido um pontapé de penalidade logo aos três minutos, superou extraordinariamente bem essa contrariedade. Qualquer equipa batida



Jogada de «pelling-off» executada pelos avançados portugueses no encontro com os marroquinos

como aqueles jovens o haviam sido, na ante-véspera, e começar a perder logo no início de um jogo que se previa difícil, «sentir-se-ia». Mas isso não sucedeu, o que foi bom sinal.

É certo que a primeira metade do encontro foi algo incerta — por pouco esclarecimento — mas, aos poucos, o conjunto português foi subindo de produção, apossou-se do comando do jogo e, na se-

DOS



A Itália «passeou» frente a Portugal, marcando a maioria dos 14 ensaios que obteve pelas linhas atrasadas

Isto é, as bolas foram em larga percentagem chutadas para as mãos das linhas atrasadas italianas que contra atacavam e... marcavam ensaio.

Se juntarmos a tudo isto que nas «melées» o domínio italiano foi quase total — ganhando até bolas de introdução contrária — que nos «maul» e «ruck» as dificuldades dos portugueses foram as habituais e que só a nível de «touche» (nas introduções próprias) as coisas se equilibraram, mas logo se desequilibravam porque os italianos furavam o

alinhamento, poder-se-à ter uma ideia do que foi o jogo de estreia. E, pode dizer-se, foram «apenas» 75 pontos porque o jogo só tem 80 minutos...

AS EQUIPAS

Sob arbitragem razoável do soviético Brasas, as equipas alinharam da forma seguinte:

PORTUGAL — Carapuço, Luís Morais e

Ferreirinha; Paixão e Fernando Santos; Pedro Ferreira, F. Borges e P. Esteves; Trigo de Morais e Jalles; Ressano Garcia (Cassiano, aos 63 m), Vieira de Almeida, Cardoso Pinto e Nuno Durão; e Lupi Belo.

ITÁLIA — Catina, Brancaleone (Ceci) e Stinchelli (4); Fabriz e Pretória (4); Salvadego, Sena (4.4) e Trippitelli; Spadavechia (4) e Luzari; Meneghello (4.4.4.), Spalletta (Franciscato — 2.2.2.2), Cesalin (4.4), Venturi (4.4.4.4); Vittadello (3.2.2.2).

Ao intervalo a Itália ganhava por 29-0. ■

SERIA CORRECTO

gunda parte, acabou por triunfar com toda a naturalidade.

Muito determinados, batendo-se valentemente a nível de avançados e não dando espaços aos seus adversários, os portugueses apagaram a triste exibição de dois dias antes. Pena os 15 ou 20 pontos que ficaram por marcar e que dariam ao marcador uma expressão mais condizente com a forma como as coisas se passaram.

É certo que os marroquinos defenderam como «carraças», mas se as linhas atrasadas do «quinze» nacional têm jogado com mais calma, em situações de clara superioridade («dois para um» e mesmo «três para um») o resultado seria outro. No entanto, uma certa «sofreguidão» em marcar roubou o esclarecimento necessário para soltar a bola no momento exacto. Quando isso sucedeu ou a jogada morria a um ou dois metros da área, ou então, por duas vezes resultou em ensaio.

Fundamentalmente preocupados em jogar à mão, contrariando o mais possível o «jogo de dez» do adversário, os portugueses dispuseram ainda por cima de bastante jogo para o fazer. Com um «pack» dominador algo duro e a tirar bastantes bolas em todas as situações de jogo, Portugal, principalmente, no segundo tempo dominou, «sentindo-se» que (mesmo quando na posição de derrotados) mais cedo ou mais tarde a vitória acabaria por surgir.

De louvar a determinação, a garra com que esta vitória foi procurada (e conseguida) pois, nos 51 minutos em que estiveram em desvantagem no marcador os 15 jogadores em campo lutaram sempre para conseguirem virar o resultado.

Globalmente a exibição de Portugal tem de considerar-se positiva. De lamentar apenas a tal «sofreguidão» que lhe retirou a possibilidade de dar ao resultado outra expressão. Principalmente pela recuperação psicológica

demonstrada (as lágrimas da derrota foram substituídas pelas da vitória) o «quinze» nacional revelou uma personalidade que lhe faltara ao jogo de estreia.

AS EQUIPAS

Sob boa arbitragem do italiano Cadamuro, no Estádio Universitário de Madrid, as duas equipas alinharam e marcaram:

PORTUGAL — Carapuço, Morais e Ferreirinha; Fernando Santos e Rebelo de Andrade; Pedro Ferreira, Borges e Esteves; Trigo de Morais e Jalles; Durão, Cassiano, Vieira de Almeida e Reis; e Lupi Belo (4.2.4).

MARROCOS — Rochbi, Drissi e Mesrouf; Bouyouf, e Barethmi; El Mokatir, Tâmir e Jaddoua; Zahri e Agoubi; Hakim, Filahj (Assou), Elfahim e Cherkaoui; Lahsata (3.3).

Ao intervalo Portugal perdia por 0-3. Os dez pontos foram obtidos aos 54 e 60 minutos de jogo. Marrocos reduziu com novo pontapé, aos 71 minutos. ■ ➔

Portugal 0 - URSS 12

LINHAS ATRASADAS VOLTARAM A COMPROMETER

Por aquilo que se viria fazer anteriormente à URSS (frente à Roménia e à RFA) o derradeiro encontro de Portugal na edição deste ano do Torneio da FIRA, principalmente após o triunfo sobre Marrocos, era encarado de forma, não diremos optimista, mas, muito realisticamente, «acessível». Isto é, a equipa portuguesa tinha hipóteses de triunfar já que os soviéticos constituíam um «quinze» do seu nível.

E como se previa o encontro não foi desequilibrado. O conjunto nacional bateu-se de igual para igual durante a maior parte do tempo e acabou por ceder sob o aspecto físico, nos derradeiros 20 minutos. De resto, este jogo foi dos tais em que uma equipa apesar de batida até o poderia ter ganho. E neste particular, foram os três quartos, uma vez mais os «culpados» dos pontos que poderiam ter sido marcados e não o foram.

Se bem que a URSS dispusesse de vantagem nos «rucks» situação de jogo em que demonstraram uma capacidade técnica extraordinária, batendo Portugal em toda a linha, as coisas estiveram equilibradas em todas as outras situações. Daí que as linhas atrasadas da equipa nacional tenham tido à sua disposição bastante jogo que desperdiçaram.

Os seus adversários directos revelaram-se rápidos e determinados na conquista da linha da vantagem, não dando espaço de manobra. Isso perturbou nitidamente os portugueses que, ainda por cima voltaram a demonstrar uma enervante lentidão na passada e no passe. Por norma, quando a bola chegava ao primeiro centro já os soviéticos estavam em cima, impedindo a continuação da jogada.

A agravar ainda mais, os três quartos do «quinze» nacional estiveram algo incertos na recepção deixando cair bolas atrás de bolas.

Após o ensaio que inaugurou o marcador, cerca da meia hora, a selecção teve o seu melhor período, aparecendo a jogar com maior determinação, pressionando como o não havia feito até então. Depois, no início do segundo tempo manteve o mesmo ritmo dando a sensação, sobretudo nos primeiros 20 minutos, de ser capaz de virar o resultado. No entanto, os defeitos atrás apontados, a que há juntar também o pouco apoio da terceira linha no jogo ofensivo — de novo os flanquedores jogaram pregados à «melée» — obstaram a que nesse período a



Jogada de linha lateral no Portugal-URSS, com clara vantagem do saltador soviético, lá em cima, com a bola segura com as duas mãos

equipa nacional conseguisse marcar. E se tal tem acontecido estamos crentes o vencedor da contenda seria outro.

Mas como Portugal não conseguiu marcar, e portanto não surgindo o «doping» que tal constituiria, as forças começaram a faltar — embora a equipa se continuasse a bater bastante bem — e a URSS, aos poucos, foi-se apoderando do comando da partida, de novo, mesmo a nível de avançados, e os dois ensaios que obteve, depois, foram consequência disso mesmo.

Em resumo, poderá dizer-se que a URSS venceu bem, mas um ensaio de Portugal daria ao resultado uma expressão mais consentânea como as coisas se passaram. De lamentar a oportunidade que se perdeu de bater os soviéticos. É que, comparada com anteriores formações, esta que esteve em Madrid se revelou inferior sob o ponto de vista físico, mas em compensação bem superior tecnicamente, principalmente a nível de avançados. Com mais um ano em

cima aqueles jovens «crescerão» também em tamanho e depois poucas possibilidades haverá de os «aguentar». Isto não obstante a excelente capacidade atlética que demonstraram já este ano.

AS EQUIPAS

Sob arbitragem do italiano Camaduro (pateceu ter «tirado assinatura» para os jogos de Portugal) que realizou bom trabalho, as duas equipas, no campo central do Estádio Universitário de Madrid, alinharam da forma seguinte:

PORTUGAL — Carapuço, Luís Morais e Chichorro; Fernando Santos e Rebelo de Andrade; Pedro Ferreira, Borges e Esteves; Trigo de Morais e Jalles; Durão, Vieira de Almeida, Ressano Garcia e Cassiano; Lupi Belo.

URSS — Frantsyzov, Byrilov e Sohona-tin; Senine (4) e Melnikov; Sharkov, Bashilov e Medved; Kopylov e Stepanchyk; Polunin (4), Folkine, Mataliev e Gurkin(4); Evseev.

Os ensaios soviéticos foram marcados aos 33, 59, e 70 minutos.

ALTERAÇÕES DO CALENDÁRIO

O calendário da fase final da temporada em curso, no que respeita aos seniores devido aos problemas de «acerto» que surgiram com a desqualificação do Benfca B e posterior reintegração no campeonato da II divisão, foi alterado de forma significativa.

Assim, a última jornada do «nacional» da I divisão passou para 26 de Abril, dia para que foi marcado o início da fase final da II divisão. As restantes jornadas desta competição disputam-se nos dias 1, 3, 10, e 17 de Maio (final).

No que se refere à Taça de Portugal os 1/16 de final (em que participam apenas os clubes da II divisão) foram marcados para 24 de Maio. Os oitavos (já com os oito do escalão principal) disputam-se a 31 de Maio, prosseguindo a 7, 10 e 14 de Junho, respectivamente, com os quartos meias finais e final.

Entretanto, no período de 1 a 17 de Maio, altura em que a selecção nacional estará em preparação com vista aos confrontos com a Dinamarca e Suécia, para o Campeonato da F I R A, a F P R organiza uma prova, denominada «Torneio da Primavera», destinada às equipas da I divisão. Na jornada dessa competição a realizar no dia 10 de Maio não poderão participar os jogadores escolhidos para integrarem a selecção nacional.

CDUP EM INGLATERRA

O CDUP foi convidado a deslocar-se a Inglaterra, no final do próximo mês de Setembro e princípio de Outubro, retribuindo, dessa forma, a recente visita do BOSA.

A deslocação prevê três jogos, na região de Bristol e Bath.

PORTUGAL CONVIDADO PELA URSS

A Federação Portuguesa de Rugby foi convidada, em Madrid, no decorrer do Torneio da F I R A de juniores, pela sua congénere da URSS a fazer deslocar aquele país a selecção nacional de seniores,

para participar no VIII Torneio Internacional de Moscovo.

Na edição deste ano desta prova, que decorrerá entre 14 e 24 de Agosto, participarão a selecção nacional da Polónia, e as selecções universitárias da Roménia, da Itália e duas (A e B) da União Soviética. Registe-se que os célebres Pinguins, equipa inglesa de convites, já venceram este torneio.

BOAVISTA «ADERIU» AO RUGBY

O Porto «conseguiu» mais um clube para o rugby. Trata-se do prestigioso Boavista F. C. que tem já em actividade várias equipas nos escalões etários mais jovens.

As condições oferecidas para a prática da modalidade «prometem» que, dentro em pouco, os «axadreados» serão uma «potência». De parabéns a cidade do Porto por esta magnífica «conquista».

PEYREHORADE VENCEU TAÇA SAGRES



O IV Torneio Internacional de Rugby Junior — Taça Cerveja Sagres, prova tradicional do calendário anual do Comité Regional de Rugby de Coimbra, decorreu nos dias 10, 11 e 12 de Abril.

Dada a impossibilidade de última hora da deslocação da equipa espanhola do Colégio de S. José de Valladolid, por motivo de inesperada alteração das datas de exames, o torneio contou com a presença da equipa francesa do Peyrehorade Sports, e das portuguesas da Académica e do R. C. Lousã.

A superioridade e a vitória final dos franceses é incontestável não sendo de estranhar o

XAVIER ARAÚJO COMPLETOU 89 ANOS

Francisco Xavier Araújo, único «sobrevivente» da primeira equipa exclusivamente constituída por portugueses que jogou rugby no nosso país completou, no passado dia 6 de Abril, 89 anos.

Grande impulsionador da modalidade em Portugal quer como jogador quer como técnico e dirigente, Xavier de Araújo foi o primeiro «capitão» da selecção nacional (sobre o seu trabalho em prol do rugby, e não só, nos referimos detalhadamente no n.º 2 de Rugby-Revista) mantendo-se em aberto a dívida que o rugby português para com ele tem.

Uma vez mais, daqui se chama a atenção da F P R para a «obrigação» de ser prestada a Xavier de Araújo a homenagem a que indiscutivelmente ele tem direito.

facto do clube gaulês ser proveniente da Costa Basca, região onde militam várias equipas da I Divisão Francesa — Dax, S. J. de Luz, Bayonne, etc. e do próprio Peyrehorade, embora este seja um clube de uma pequena vila de 3000 habitantes.

Julgamos que os jovens conimbricenses e lousanenses colheram bons ensinamentos neste contacto com uma equipa evoluída e já com Rugby adulto.

Resultados:

Peyrehorade 57-R C Lousã0; Académica 20-R C Lousã 17; Peyrehorade 66-Académica 0.

TORNEIO DE "SEVEN" NO PORTO

O Comité de Rugby do Norte vai promover, nos dias 27 e 28 de Junho, o «I Torneio Internacional de Seven-a-Side — Cidade do Porto, manifestação englobada no programa das «Festas da Cidade».

Foram convidadas a estar presentes equipas dos oito clubes da I divisão, do R C de Coimbra e C R da Lousã, bem como espanhóis e ingleses. A organização suporta as despesas de alimentação e alojamento.

PORTADOWN PERDE EM LISBOA

Os irlandeses do Portadown College, que estiveram em Lisboa no final de Março, averbaram três derrotas nos três jogos que disputaram.

No primeiro, frente à selecção nacional de juniores «A», perderam por 32-19; no segundo, contra os «BB» foram batidos por 4-3; finalmente, de novo com a equipa A foram derrotados por 21-0.

ACADÉMICA EM MADRID

Está confirmada a presença em Madrid de uma equipa da Académica no Torneio de «Seven-a-side» do C. D. de Arquitectura, que comemora este ano o seu cinquentenário.

A prova realiza-se das 15 às 20. 30 horas de sábado, 30 de Maio, com a presença de 16 equipas.

B.O.S.A. SÓ PERDEU COM CDUP

O «quinze» de rugby do BOSA (Bath Overseas Sport Association), que esteve em Portugal de 17 a 24 de Abril, somente perdeu um dos quatro jogos que disputou.

Tal aconteceu na estreia, no Porto, onde, frente ao CDUP, foi batido por 19-7. Depois, em Coimbra, venceu a Académica por 62-12 e a equipa de veteranos ganhou a idêntica formação da AAC por 21-13. A finalizar a digressão, os ingleses jogaram em Lisboa, com os Podengos, a quem ganharam por 40-13.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM COIMBRA

Prepara-se a realização do 1.º Seminário Internacional de Rugby que decorrerá na primeira quinzena de Julho, em Coimbra e nas instalações do I. N. D. de Lamego.

Está assegurada desde já a presença do conhecido técnico escocês G. Bernard Wright como um dos prelectores.



Na sua deslocação a Clermont Ferrand a Académica venceu um dos cinco jogos que disputou: Moulin 16 — ACC 10 (reservas); Moulin 21 — AAC 19; Blanzat 14 — AAC 6; CUC 42 — AAC 14; e Misto de Gannat 10 — AAC 38.

aguardando-se a confirmação de disponibilidade da presença de credenciado técnico da Federação Francesa de Rugby.

INTERCÂMBIO UNIVERSITÁRIO

Integrado no IV Intercâmbio Universitário Coimbra/Pau (França) realizou-se no passado dia 2 de Abril, um encontro de rugby que terminou com a vitória dos universitários portugueses da Académica por 18-16.

O encontro, como demonstra o resultado, foi equilibrado e emotivo dadas as constantes mutações no marcador, sorrindo a vitória aos conimbricenses nos derradeiros minutos.

Na equipa francesa destacava-se o talonador (ex-internacional junior há dois anos) actualmente a jogar na equipa de Pau, da I Divisão.

FUNDADO O C.R. PORTO

O rugby atravessa no Porto um bom momento. Para lá da excelente carreira do CDUP no «nacional» da I divisão, têm vindo a surgir na região norte vários núcleos de rugby juvenil e, recentemente, constituiu-se o «Clube de Rubby do Porto» em cuja sede funciona, a partir de agora, o Comité Regional do Norte.

A direcção do C R do Porto é presidida por João Pedro Pinto de Sousa, fazendo parte dos corpos gerentes da novel clube Júlio Faria, Nuno Campilho, António Catarino, Francisco Cunha, Manuel Gramaxo, Abreu e Lima, José Gonçalves, entre outros.

LOUSÃ TRIUNFOU EM VALLADOLID

Na sua segunda deslocação ao estrangeiro, o R. C. da Lousã venceu o Colégio de S. José de Valladolid por 12-10.

Após o jogo a caravana lousanense seguiu para Madrid, onde assistiu à fase final do Torneio da FIRA de Juniores.



TÉCNICO: UM CAMPEÃO INDISCUTÍVEL

As duas jornadas do «Nacional» da I Divisão disputadas desde a publicação do último número de «Rugby-Revista» confirmaram o Técnico como indiscutível campeão nacional — embora ainda virtualmente — já sem hipóteses de perder o principal galardão do rugby português, o que sucede pela primeira vez na sua história.

No momento do fecho desta edição de «R-R» (o que, obviamente, acontece alguns dias antes da sua saída para a rua) estava por disputar a derradeira jornada do campeonato e, no que diz respeito ao primeiro classificado, o seu interesse residia apenas no facto de se saber se os «engenheiros» conseguiam garantir, frente ao Benfica, a sua invencibilidade.

Quanto às restantes posições, repete-se,

antes da realização da derradeira ronda da prova, somente o CDUL e o Belenenses tinham garantidos, respectivamente, o 2.º e o 8.º lugares. Para todos os outros os últimos jogos apresentavam-se como decisivos para o escalonamento final, como facilmente se pode constatar consultando a classificação que publicamos junto.

A última jornada do campeonato englobava as partidas seguintes: Técnico-Benfica, Direito-CDUL, CDUP-Académica e Belenenses-Agronomia.

De assinalar na 12.ª ronda da prova o triunfo algo surpreendente do Direito sobre Agronomia e, ainda que derrotado, o 16-3 sofrido pelo Benfica frente ao CDUL. Para quem vinha de perder, uma semana antes,

no seu campo, por 0-43, com o CDUP, o resultado alcançado pelos benfiquistas no «universitário» tem de considerar-se «positivo». Em condições normais constituiria um desfecho natural (como até o seria o seu triunfo), mas depois da autêntica «derrocada» que havia sido o jogo com os portistas, a oposição oferecida ao CDUL deixou transparecer que, pelo menos no aspecto psicológico, os 43 pontos não tinham deixado grandes «marcas».

Na 13.ª jornada, realce, em primeiro lugar, para a vitória do Técnico sobre o CDUL (um «teste» difícil para a invencibilidade da equipa, desde a ronda anterior virtual campeã) e, depois, para a clareza do triunfo de Agronomia frente ao CDUP.

RESULTADOS

12.ª JORNADA

Técnico	13	- Académica	4
Direito	15	- Agronomia	12
CDUL	16	- Benfica	3
CDUP	22	- Belenenses	0

13.ª JORNADA

Académica	27	- Direito	6
Agronomia	25	- CDUP	6
Técnico	10	- CDUL	9
Benfica	13	- Belenenses	3

CLASSIFICAÇÃO

	V	E	D	M-S	P
Técnico ...	12	1	-	204-100	38
CDUL	8	1	4	200-138	30
Académica ..	7	-	6	203-144	27
CDUP	6	1	6	164-139	26
Agronomia ..	5	1	7	138-203	24
Benfica ...	5	1	7	114-163	24
Direito	4	1	8	128-181	22
Belenenses ..	1	2	10	108-189	17

SEGUNDA DIVISÃO CHEGOU À FASE FINAL

A fase final do «Nacional» da II Divisão teve, finalmente, início no dia 26 de Abril — com esta edição de «RR» já fechada — com a disputa dos encontros relativos à primeira jornada, nos dois grupos classificativos.

No que diz respeito ao que irá apurar o campeão nacional (1.º ao 8.º), a primeira jornada-eliminatória, que se disputará em

duas «mãos», engloba os confrontos Técnico B-S. Miguel, R.C. Coimbra-Louletano, Barreiro-Cascais e Estrela da Amadora-Moitense (Anadia).

No segundo grupo, que determinará os lugares secundários (9.º ao 16.º), as jornadas-eliminatórias comportam apenas uma «mão». No primeiro dia efectuaram-se os jogos seguintes: Benfica B-CDUL B, Pumas-

-Académica B, Lousã-Cangurus e Económicas B-Direito B.

Os jogos da segunda «mão» (no que se refere ao grupo principal) disputam-se no dia 3 de Maio. Refira-se que as equipas «BB» participantes só podem fazer alinhar cinco jogadores que tenham disputado mais de cinco jogos no «quinze» principal. ■



1 - JOÃO CARLOS, 20
(Benfica)



2 - SARAIVA, 14
(CDUL)



3 - MACIEIRA, 21
(CDUL)



4 - DORES, 12 (20)
(Técnico)



5 - FILIPE 11 (12)
(Direito)



6 - OLGÁRIO
(Direito)

Eleito o "Quinze Ideal" da I Divisão na temporada 80/81



Como
«Quinze Ideal»
Sete jogadores foram eleitos
tam no es
raram da r
sua votaça
porada. V
nico), Qui
démica),
(CDUP), M
(Belenens
nador do
orientaçã
tipo de in
nosso rug
a dar-nos
A cad
votasse
«R-R», a
segundo
beleceu
apuramen
Cabe
rismos qu
O primeir
aquele lug
total de p
posições
Olgário, q
e no total
n.º 4, 5 e



6 - RUI MURALHA, 9 (21) 7 - CARLOS, 12 (21) (Técnico) 8 - BERNARDO, 20 (21) (CDUL) 9 - P. MÁGALHÃES, 18 (21) (CDUL) 10 - PEDRO EIRÓ, 21 (CDUL) 11 - C. MOITA, 11 (18) (CDUL)



12 - D. MEGRE, 17 (19) (CDUL)



13 - CONSCIÊNCIA, 13 (16) (Agronomia)



14 - SARAIVA LIMA, 13 (20) (Agronomia)



15 - M. COSTA, 17 (Belenenses)

nunciámos há um mês, aqui está o al da I Divisão - 80/81».

os oito técnicos dos conjuntos que militam principal do nosso rugby colaboraram na melhor forma nesta nossa iniciativa, e da resultou a «equipa ideal» desta temporada. Foram os prof. Monteiro da Silva (Técnico), César Pereira (CDUL), César Pegado (Aca-), Pedro Lynce (Agronomia), Júlio Faria, Manuel Cabral (Direito) e Silva e Cunha. Alberto Borges, até há pouco treinador, alegando estar desligado já da equipa e não concordando com este sistema - «já há vedetismo a mais no rugby» disse - escusou-se, amavelmente, a sua votação.

Um dos técnicos foi solicitado que escolhesse jogadores para cada lugar. Nós, escolhemos ao primeiro três pontos, ao segundo dois, e assim se estabeleceu a «classificação» que determinou o «Quinze Ideal».

Para uma explicação relativa aos jogadores que acompanham os nomes dos «eleitos», indica os pontos que recebeu para cada lugar. O que está entre parêntesis indica o número de votos por ele recolhido, incluindo outros jogadores da equipa. Isto é, por exemplo, o jogador n.º 8 (21), somou 8 pontos para o lugar n.º 6 e também votado (mais 13 pontos) para o lugar n.º 8.

Logicamente, com este sistema foi possível apurar também aquilo a que poderemos chamar o «Quinze Ideal B», formado pelos segundos jogadores, em cada lugar, mais pontuados.

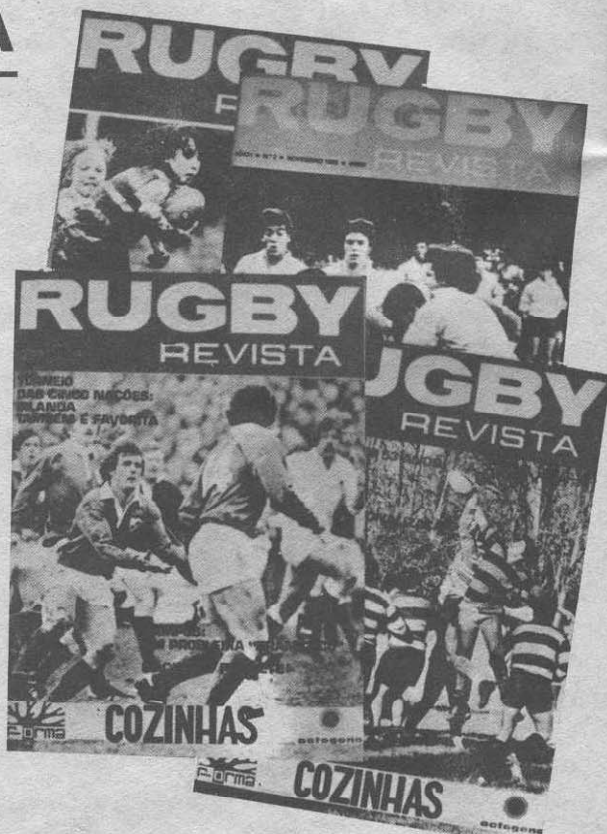
A sua constituição foi a seguinte: 1 - Quim Pereira, 7; 2 - Ernesto, 13; 3 - Vítor Pereira, 9 (12); 4 - Claro, 9 (16); 5 - Nené, 2 (8); 6 - Lencastre, 7 (9); 7 - Fernando Santos, 7 (13); 8 - Raul Martins, 13 (23); 9 - Albergaria, 12; 10 - Rui Muralha, 9; 11 - Paulo Reis, 6 (7); 12 - Roxo, 6 (11); 13 - Didio Aguiar, 6 (13); 14 - Manuel Costa (AAC), 6 (11); 15 - Gramaxo, 16 (18).

Como é óbvio, cada jogador surge, numa e noutra equipa, no lugar para onde foi mais votado. Refira-se, como curiosidade, que Didio de Aguiar foi o mais «polivalente» de todos os votados: foi mencionado para n.º 10, 12, 13 e 14. Macieira e Pedro Eiró, por seu turno, foram «eleitos» por unanimidade para os seus lugares, como o atestam os 21 pontos que totalizaram.

RECEBA (SE NÃO TEM) OS NÚMEROS ATRASADOS DE RUGBY-REVISTA

Você «distraiu-se» e «perdeu» os primeiros números de RUGBY-REVISTA. Concerteza está interessado em possuir a colecção completa, e quanto mais tempo passar mas difícil (e caro) será ter todos os exemplares já publicados. Para os obter só tem que nos escrever e juntar (claro!) a importância respectiva (Cheque ou Vale Postal). Depois, recebê-los-á, pelo Correio, sem mais problemas, como sucede com os nossos assinantes. E, a propósito, porque é que não aproveita a ocasião e assina RUGBY-REVISTA?

Pedidos para:
Rugby-Revista
Rua Augusto Gil, 12-2.º Esq.
1000 LISBOA



o número **8**

de



é posto à venda

no dia

nos locais seguintes:

30 MAIO

LISBOA — Estádio Universitário / Havaneza das Avenidas (Av. Duque Ávila, 32) / Namur (Av. Defensores de Chaves, 54) / Roberto F. Reis — Centro Comercial Arco Iris (Av. Júlio Dinis, 6-A) / Livraria Apolo (Av. Júlio Dinis, 10-A) / Tab. Drugstore Apolo 70 (Av. Júlio Dinis, 10-A) / Paco (Praça de Londres) / Lacónia (Praça do Areeiro) / Barata (Av. de Roma, 11-A) / Café Vává (Av. Estados Unidos da América) / Costa e Segurado — Centro Comercial Alvalade (Praça de Alvalade) / Quarteto (Rua Flores de Li-

ma — Cinema) / Café Monte Carlo (Av. Fontes Pereira de Melo, 49) / Mazi — Centro Comercial Imaviz (Av. Fontes Pereira de Melo) / Singular — Edifício Europeia (Av. Fontes Pereira de Melo) / Confeitaria Imperial (Av. Ant.º Augusto Aguiar, 27-C) / Livraria o Século (Rossio 23) / Lusitânia (Rossio 108) / Continental (Rua Augusta, 57) / Galerias Rtiz (Rua Castilho, 77-E) / Livraria Castil — Edifício Castil (Rua Castilho) / Garagem Monumental (Av. Álvares Cabral, 33) / Durex (Rua Escola Poli-

técnica, 80) / Compasso (Rua Saraiva de Carvalho, 268-C) / A Desportista (A.V. Rovisco Pais, 14) / Hugo Soares Bandeira (Largo da Graça, 99) / Livraria Diário de Notícias — Sede (Av. Liberdade, 266).

COIMBRA — Estádio Universitário / Clube de Rugby / Tabacaria Parque (Praça da República, 1).

LOUSÃ — Papelaria Magro (Av. Coelho da Gama).

COMITÉS REGIONAIS e nos outros locais habituais.



Os dois três quartos pontas ingleses contribuíram decisivamente para o desequilíbrio no marcador verificado no IV Portugal-Inglaterra. Na foto Featherstone vai criar perigo para a área portuguesa

FINALMENTE PORTUGAL MARCOU FRENTE À INGLATERRA!

O objectivo principal da selecção nacional de juvenis no já tradicional encontro com a Inglaterra foi conseguido: finalmente marcou pontos. Pena que o «quinze» português, que teve excelente comportamento, acrescente-se desde já, não tenha marcado qualquer ensaio, o que esteve, inclusivamente, ao seu alcance. De qualquer forma o ter obtido três pontos e, mais que isso ter «aguentado» um adversário muito mais poderoso durante o tempo que aguentou, tem de considerar-se bastante positivo.

De facto, somente a partir do meio da segunda parte, a equipa portuguesa cedeu. Até aí bateu-se, não diremos de igual para igual, mas de forma a causar sérios embaraços ao seu adversário. O 11-3 que se registava ao intervalo dá uma ideia das dificuldades encontradas pelos ingleses em concretizarem a sua reconhecida superioridade. Depois, com o decorrer do tempo, o cansaço foi-se apoderando dos portugue-

ses e o resultado, muito naturalmente foi «subindo».

Este «quinze» inglês extraordinariamente prático e que assentou toda a sua manobra na grande capacidade das suas linhas atrasadas — o centro W. Joyce e os pontas Featherstone e Halpin são, apesar dos seus 16 anos, jogadores de grande nível — «jogou para o ensaio». Isto é, bola ganha, pelos pouco espectaculares mas eficientes avançados, era bola aberta que corria os três quartos. Depois a versatilidade, técnica e velocidade dos dois pontas resolviam a questão. O desnível verificado no resultado ficou, fundamentalmente a dever-se a Featherstone Halpin, que desequilibraram as coisas a favor da Inglaterra.

É claro que o triunfo inglês não ficou a dever-se a esse «pormenor». Ele ajudou, e bastante, ao crescer do resultado. O triunfo, esse, teria de ser sempre dos britânicos, que sem conseguirem um espectacular ascendente a nível de avançados, se revela-

ram, no entanto, senhores de «andamento» diferente do dos portugueses, como é perfeitamente natural. Mas é bom adiantar a sua superioridade não foi tão flagrante, pelo menos até à altura em que a «quebra» do «quinze» nacional se verificou, como seria de esperar. A oposição foi bastante grande e o «pack» português bateu-se em excelente nível, o mesmo sucedendo com as linhas atrasadas pouco «agressivas» a atacar mas que, enquanto, puderam, defenderam bastante bem.

As equipas alinharam e marcaram:

PORTUGAL — Ferreirinha (C D U L), Rocheta (Belenenses) e Taveira (Benfica) (João Costa — Belenenses); Plantier (Direito) e Mourão (C D U L); Roquete (Direito), Rebelo de Andrade (Agronomia) e Santos (S. Miguel); Pais (Académica) Sequeira (Agronomia) (Navalhinhas — C D U E); Domingos Borges (Benfica), Francisco Nóbrega (Cascais — 3), Alfredo (Figueira da Foz) e Jordão (Benfica); Pires (Belenenses).

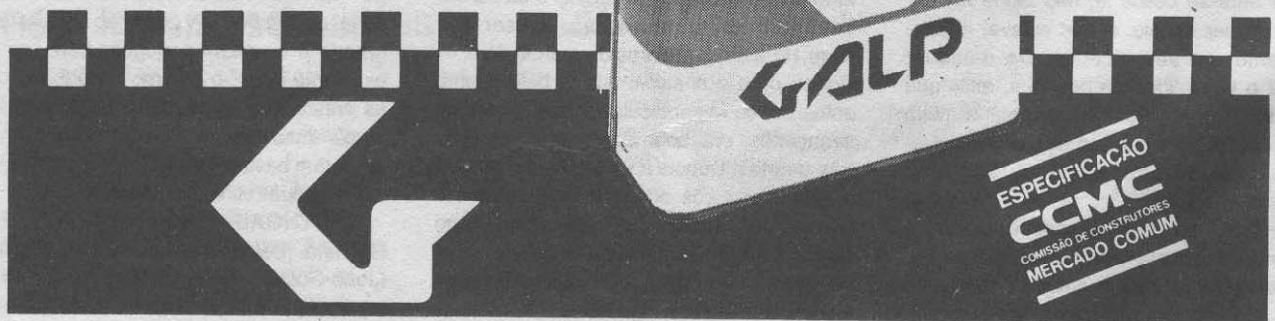


seiva nova para a vida do seu carro

**SUPER
PROTECÇÃO**
contra o desgaste
a formação de depósitos
e a corrosão
nas condições mais
severas de serviço

**SUPER
SEGURANÇA**
motor eficazmente protegido
e características surpreendentes
de viscosidade,
nas altas e baixas temperaturas,
durante todo o tempo
de utilização

**SUPER
ECONOMIA**
reduz as perdas
por atrito
maior rendimento
menor consumo
menor custo de manutenção



ESPECIFICAÇÃO
CCMC
COMISSÃO DE CONSTRUTORES
MERCADO COMUM

GALP

QUALIDADE EM LUBRIFICANTES

INTENSA MOVIMENTAÇÃO ENTRE OS MAIS JOVENS

DELFIN BARREIRA *

No âmbito do Plano de Desenvolvimento do Rugby Juvenil, e de acordo com os objectivos definidos, a Direcção Geral dos Desportos e a FPR promoveram diversas actividades relativas aos escalões de Infantis, Iniciados e Juvenis.

Assim, no que respeita aos Infantis, realizou-se no dia 11 de Abril, no Estádio Universitário de Lisboa, um Convívio Nacional, que contou com a participação de aproximadamente 300 jovens praticantes vindos dos mais diversos distritos do País (três equipas de Viana do Castelo, uma do Porto, três de Aveiro, três de Viseu, duas de Coimbra, uma da Lousã, uma de Leiria, seis de Lisboa, três de Elvas) que realizaram, entre as 9 e as 14 horas, 33 jogos.

FRANCESES GANHARAM EM INICIADOS

Relativamente aos Iniciados, para além das provas de índole nacional — Convívios, torneios, estágio nacional — realizou-se o Torneio da Páscoa, com a participação das selecções regionais de Lisboa, Coimbra, Elvas e Costa Basca (França), intercâmbio este previsto no Protocolo Desportivo estabelecido entre os Governos de Portugal e França e realizado como acção de reciprocidade, pois que, no ano passado, uma equipa nacional deste escalão etário havia-se deslocado a Peyrehorade.

A selecção da Costa Basca, patenteando nítida superioridade sobre os seus adversários portugueses, classificou-se em primeiro lugar. No primeiro dia (7 de Abril) os franceses venceram a selecção do Centro por 86-0 e Lisboa derrotou a equipa Portalegre/Évora, por 44-0. No dia seguinte, o «quinze» do Centro bateu Portalegre/Évora, por 42-0, no jogo para atribuição dos 3.º e 4.º lugares, e,

* Professor de Educação Física, coordenador do Rugby na D.G.D.

← INGLATERRA — R. Williams, Mcambert e P. Kenngoy; A. Powell e S. Bell; M. Detnon, J. Clark e M. Wright; N. Batel e M. Fletcher; M. Featherstone (4.4.4.4), W. Joyce (3.2.2.2.2), K. Simms e P. Halpin (4.4.4); C. Mann.

Entretanto, no encontro, disputado três dias antes, a equipa da Inglaterra havia batido o «quinze» de Lisboa por 33-0 (13-0,



A selecção portuguesa de Iniciados foi largamente batida em Coimbra por idêntica formação da Costa Basca, jogo a que se refere a imagem

na final, a selecção da Costa Basca triunfou frente a Lisboa, por 54-0.

No dia 12 de Abril, em Coimbra, a selecção nacional da categoria perdeu, também, frente à formação francesa, por 56-0.

A equipa portuguesa alinhou nesse jogo da forma seguinte: Nuno (Direito), Francisco (Direito) (Leão Belas) e António Miguel (Direito) (Ricardo CDUL); Nini (A. gronomia) e (Ricardo CDUL) (Azeitona Tomar); Picão (Coimbra) (Bagulho Elvas), Miguel (Direito) e António (Direito); Nuno (Agronomia) e Miguel Pardal (CDUL); Paulo (Direito), Luís Maria (Agronomia) (Diogo S. Miguel), Gabriel (S. Miguel) e Cortes (CDUL); Rui (CDUL).

LISBOA VENCEU TORNEIO DE JUVENIS

Em Juvenis, seis selecções regionais (divididas por duas séries) disputaram o respectivo Torneio da Páscoa, em Lisboa, cuja selecção obteve o primeiro lugar. Participaram as equipas representativas dos Comitês Regionais do Porto, Coimbra, Lisboa, Setúbal,

ao intervalo) podendo adiantar-se que a fisionomia da partida não foi muito diferente. Curiosamente, apesar de terem obtido menos pontos, os ingleses, no jogo de estreia, exerceram maior domínio de ordem territorial.

Refira-se finalmente que esta equipa que nos visitou tinha, antes, batido a Holanda

Elvas e Faro.

Na série A verificaram-se os resultados seguintes:

Norte F.C. — Lisboa V; Lisboa 42 — Portalegre/Évora 0; Norte 0 — Portalegre/Évora 18. Na série B: Centro (Beiras) 35 — Setúbal, 0; Centro (Beiras) 34 — Algarve 0; e Setúbal 0 — Algarve 10.

Na jornada final (15 de Abril), que estabeleceu a classificação, Setúbal bateu o Norte por 11-7, para atribuição do 5.º e 6.º lugares; Algarve e Portalegre/Évora empataram a 14 pontos (3.º e 4.º); e Lisboa venceu a selecção do Centro, por 10-3, na final.

Refira-se, ainda neste escalão etário, a realização de um estágio nacional, que contou com a presença de 40 jogadores, dentre os quais saiu o «quinze» representativo de Portugal que defrontou a Inglaterra.

O II Torneio Nacional de Juvenis (Rugby de XV) por equipas, decorre neste momento. A final está prevista para o último fim de semana de Maio.

por 68-0, e perdido, em Twickenham, com o País de Gales por 14-10.

O «quinze» lisboeta alinhou da forma seguinte: Costa, Rocheta e Taveira; Plantier e Mourão; Rebelo de Andrade, Trigo e Roquete; Simão e Sequeira; Domingos Borges, Francisco Nóbrega, Oliveira e Caeiro; Pires.



TRÊS PONTOS IMPORTANTES

1 — Por notícias recentemente vindas a público, tomámos conhecimento que é intenção do Ministério da Qualidade de Vida entregar às Federações — à de Rugby, designadamente — a gestão dos respectivos Planos de Desenvolvimento. Gestão, sim, mas também, é evidente, a responsabilidade em cada dia e pelos resultados desse desenvolvimento.

Fica, desta forma valorizada, em qualidade e quantidade a panóplia de acções que à FPR entenda levar a cabo. Mas a verdade é que para o bom êxito desta nova missão importa reflectir, e rapidamente, sobre as adaptações estruturais a empreender na própria cúpula federada, sobre novos processos de trabalho de que seja necessário lançar mão.

E o que não é de menor importância, uma séria tomada de consciência sobre os novos horizontes abertos e as novas responsabilidades.

O desafio foi-nos lançado. Aceitemo-lo com alegria.

2 — No fim de Maio realizar-se-á em França o Congresso anual da FIRA, procedido de reuniões preparatórias da Comissão Técnica e do Conselho de Administração. Nas três instâncias voltará Portugal a levantar a questão da forma de disputa do Torneio de Juniores e reeditar a proposta concreta já apresentada em Madrid e que ali colheu bastante receptividade das federações estrangeiras contactadas.

Esta questão é extremamente importante e merecerá, em futuro próximo, um comentário mais alargado. Bastará dizer, por agora, que a participação portuguesa naquele torneio — participação em termos de interesse e vantagens palpáveis — pode depender por inteiro da fórmula final a aprovar agora e, também, na concretização de um plano de preparação da selecção respectiva em termos inéditos.

Ainda neste Congresso pensa a FPR apresentar uma proposta de modificação das regras de extensão de votos às várias Federações, proposta essa que visa distinguir aquelas que participam nos torneios organizados pela FIRA — e que assim justificam a existência deste

organismo — das que participam o menos possível ou se limitam a pagar a quota anual e a votar, em Congresso, as regras e regulamentos depois aplicadas a outros.

Isto é: propor-se-á o progresso contra o conservadorismo, a acção contra o comodismo.

Outros problemas serão levantados por outras Federações e, estamos em crer, tal como no ano passado alguns com mal disfarçado cariz político. Neste ponto o objectivo da FPR será muito simples: manter até ao fim um total afastamento de critérios que não sejam do rugby e para o rugby. Até porque nós como os outros se procedermos de outro modo, estamos em crer, a sala de reuniões ficará vazia e a FIRA fechará as portas.

3 — Decidiu a Direcção da FPR, intentar a realização, possivelmente em Junho, do III Encontro Nacional do Rugby.

Julgamos do maior interesse a efectivação deste diálogo alargado e informal entre os que de uma maneira ou outra se sentem mais responsáveis pelo rugby português. As edições anteriores do ENR (em Santarém e Évora) demonstraram bem os largos frutos que podem surgir quando as pessoas, livres já do «setress» das competições e das pressões directivas, fazem o ponto à situação, abordam crítica mas construtivamente o passado e o presente e, sem preconceitos lançam pistas para o futuro.

Deseja a Direcção da FPR que o III ENR tenha a mais ampla participação — com respeito, embora, pela qualidade — e que dali saia renovado o espírito de missão dos homens do rugby e enriquecida a determinação em vencer os obstáculos que ainda impedem termos o rugby que todos merecemos.

A DIRECÇÃO DA FPR



«Saída» de Luís Carlos, apoiado por Macieira e Saraiva Lima, ao decorrer do Portugal-Bélgica

COMENTÁRIOS SOLTOS... ...NUMA IDEIA LIGADA (III)

VASCO PINTO DE MAGALHÃES

A entrada do Estádio:

«Boa tarde. Não se conhecem?

O Sr. A do Clube Z, o Sr. B do Clube X, o Sr. C do Clube V,...

A equipa terá a composição seguinte:-...

Agora, por favor, os senhores aproveitem, enquanto se equipam, para se conhecerem melhor.

A propósito, o Sr. D e o Sr. R figuram, como ficou dito, na 2ª linha; como ambos alinham habitualmente à direita, e, hoje, o Sr. D vai jogar do lado esquerdo, pensem nisso também, por favor.»

Este «cenário» seria possível há 50 anos, quando um «gentleman footballer» era convidado para representar o seu país, dentro, aliás, do mais puro espírito amador que proibia estágios e quejandos pecados. Hoje ninguém acreditaria que tal pudesse ser uma realidade porque toda a selecção é pensada, repensada, escolhida e treinada como tal — o que implica, obviamente, que todos tenham conhecimento de todos, mormente e basicamente os responsáveis no «top» quanto às virtualidades de cada um.

Mas, entrando no campo da caricatura, dir-se-ia que tinha sido o que acontecera com a selecção de Portugal que jogou contra a

Bélgica no passado dia 5, em Coimbra. E, se disseram a alguém desprevenido que aquela «pack» praticara alguma vez com aquela composição, esse «quidam» teria de concluir tratar-se duma bizzarria do azar fora de todo o campo da esperança estocástica pois não lhe seria possível conceber que aqueles homens tivessem sido estudados, ensinados e treinados para as suas missões específicas (ou não teriam sido capazes de aprendê-las... e não deveriam ter sido então integrados na equipa) de modo a eliminar-se totalmente a possibilidade de se verificar o que, realmente,... se verificou.

Adiante se analisará mais minuciosamente o evento — «se a tanto me ajudar o engenho e arte», o tempo e o espaço.

A «CUIDADA» ARBITRAGEM DO SR. CHITTITHI

O comentarista da TV classificou a arbitragem como «cuidada». A afirmação é demasiada ambígua... e cruel. De facto, o pobre do Sr. Chittithi — a quem não se nega isenção — cuidou muito, realmente, de aplicar umas leis, mas umas leis muito suas, que não as do I. B. (é, por extensão, da F I R A).

Começando pelas pequenas coisas. Teimou, nos pontapés-de-penalidade e nos

pontapés-livres, em castigar a equipa infractora, quando não recuava prontamente para a imposta distância regulamentar, com novo pontapé (de-penalidade) no ponto onde entendia ter-se dado a infracção; ora a lei é clara e taxativa: para pontapés-de-penalidade, novo «pontapé-de-penalidade 10m à frente da marca» (Lei 27), para pontapé-livre, transformação deste em «pontapé-de-penalidade na marca» em que anteriormente fora assinalado o «pontapé-livre» (Lei 28).

Já de maior monta e de pasmar! — foi a sua interpretação das regras da obstrução: castigou a equipa portuguesa umas três vezes por obstrução em jogadas de cruzamento ou tesouras ou passes normais em que foi regularmente utilizado aquilo que é por todos conhecido com o nome de «obstrução científica»; de resto, o caso está bem claramente definido na NOTA (1) da Lei 26: «Não há nenhuma circunstância em que um jogador que transporta a bola possa ser penalizado por obstrução». De uma das vezes anulou assim e castigou uma magnífica carga de Luís Carlos que recebeu a bola cruzando com Macieira a seguir a um «peeling-off».

Mas o mais importante foi o ter consentido no «jogo sujo» e agressor dos belgas, bem evidenciado na 2ª parte, sobretudo nas «tou- ➤

ches» e nos reagrupamentos. Naqueles, um primeiro saltador (Rabet?) saltou sempre em falta, carregando sobre os adversários sem bola (na qual, aliás, nunca tocou) e o ruivo nº 5 (Stubbe, aliás, um dos mais evidenciados no «jogo sujo») apoiou-se sempre no adversário para desviar a bola para o seu médio. Os reagrupamento foram sempre transformados pelos belgas em empilhamentos injogáveis, deitando-se sobre os jogadores que disputavam a bola e/ou mergulhando e ficando sobre esta e para lá dela na sua saída, contrariando totalmente o espírito do jogo, conforme previsto no ponto 3 da Lei 19. Também nas formações ordenadas, o nº 6 belga, aproveitando a confusão com que foram disputadas, usou e abusou do fora-do-jogo para impedir a saída regular da bola.

Assim, não obstante a sua isenção — sem ironia — o Sr. Chittithi acabou por favorecer extraordinariamente os belgas pois, com árbitros complacentes, os favorecidos são sempre os que jogam à margem das leis... sobretudo se os adversários usam dum «fair-play» que vai até ao «angeliquismo» (perdoe-se-me o... neologismo).

**O JOGO E O ANTI-JOGO
DOS SÚBITOS DO REI BALDUINO**
Julgo que ficou bem claro que os belgas

estão bastantes furos acima dos suíços. Também vizinhos dos franceses, parecem, porém, ter aproveitado mais dessa vizinhança, embora bastante longe dos mais importantes centros do rugby gaulês, tirando possivelmente partido das frequentes (semanais?) emissões da T É L É e até de fáceis contactos com as equipas mais próximas, embora de fraco nível. Infelizmente, destas, parecem ter assimilado muito mais do habitual jogo grosseiro e agressor francês que se verifica a este nível do que da real qualidade de algumas equipas francesas de melhor valia. Avançados poderosos e lutadores (pisando frequentemente o risco, Stubbe e compadres não foram parcós em agredir, até em «coups de godasse») e linhas atrasadas rápidas, bem conduzidas por um bom médio-de-abertura.

A atitude belga teve duas facetas distintas. De entrada, obviamente impressionados perante a equipa que batera por 39-0 a Suíça, jogaram respeitosamente e os portugueses, se tivessem jogado com uma cabeça e com um Pedro Eiró confiante, em plena forma, poderiam ter construído um confortável resultado na primeira parte. Aos poucos, e de roldão no início da segunda parte, perderam o respeito aos «senhores portugueses» e usando das «amplas liberdades» concedidas

pelo Sr. Chittithi, pregaram um susto à selecção lusitana e não fosse uma providencial e clássica placagem in-extremis do médio-de-formação, junto à linha, ao nº10 belga, que, depois de ter «comido» todos os adversários, se dirigia a caminho do ensaio, tudo poderia ter acontecido...

Uma 1.ª linha muito forte e pesada, uma 2.ª linha alta demais para as possibilidades domésticas, flaqueadores «resquilleurs» (tudo isto apoiado num desavergonhado e consentido desrespeito pelas leis), um médio-de-abertura rápido, sabedor do seu ofício e com ótimos pés, fazendo jogar os seus companheiros, rápidos demais para os 3/4 portugueses, tudo isto (se tivessem utilizado todos estes trunfos mais cedo) poderia ter sido fatal a uma equipa lusitana que jogou:

SEM REI NEM ROQUE

A parte o que se encerra na «blague» com que iniciei esta crónica — e à qual voltarei — o mais impressionante continua a ser a pouca (nenhuma...) importância que, entre nós, se continua a dar ao capitão da equipa. Nesta se houve «mando» (?), não houve «comando». Quero dizer, se houve disciplina e respeito, não houve orientação nem decisão.

Basta lembrar. Como já ficou dito, jogamos

naxa

Especialistas em Ténis Encordoações e Grips

Grande sortido para todas as modalidades desportivas

Fabrico próprio de equipamentos para equipas de Rugby

AV. ÁLVARES CABRAL, 86 A

TELEF. 68 18 77



uma primeira parte plena de ascendente psicológico sobre o adversário. No entanto, o «pack» entrou logo em dificuldades e as bolas conquistadas não eram de todo limpas; bastou, porém, que uma pudesse ter sido aproveitada para que uma excelente e rapidíssima ligação entre os médios pudesse proporcionar a bela jogada em que a bola, de mão em mão, foi até C. Moita — que, com o tempo e a experiência, mostra ter ganho uma oportunidade de passe que vai, de certo modo, compensando a sua progressiva perda de velocidade prolongada e a total ausência de «timing» na placagem — C. Moita que deu a bola a Duarte Lynce que entrou pleno de alegria e espectacularmente na meta adversária.

Por isso mesmo era recomendável que toda a hipótese de jogar à mão fosse aproveitada. A qual, não. Todas as penalidades foram absurdamente chutadas à «touche» ou aos postes (e, para cúmulo, sem êxito) e no próprio decorrer do jogo, médio-de-abertura e centros abusaram pouco esclarecidamente do pontapé.

Isto na primeira parte. Na segunda, em que a equipa andou à deriva, faltou a mão forte que «a puzasse de pé», quiza mesmo a castigar os desmandos do adversário, com a dureza que se impunha, respondendo com agressividade e pressão aos actos de agressão dos belgas.

Foi nomeado capitão (e julgo que à última hora) o pilar esquerdo.

Em todo e qualquer lugar da equipa se pode ser um bom capitão, se possuidor do necessário carisma e o conhecimento, por inteiro, do jogo de equipa para se ser um eficiente estratega. E os restantes atributos dum capitão, como conhecer bem as potencialidades dos seus companheiros de equipa e como reagem nas várias situações, manter-se em permanente estado de alerta, fazendo variar as táticas da equipa consoante o condicionalismo que vai surgindo,



As linhas atrasadas portuguesas jogaram pouco à mão, e quando o fizeram — como na foto — criaram sérios embaraços aos belgas

e, voltando ao carisma, ser daqueles de antes quebrar que torcer. Há imensos exemplos de grandes capitães que foram pilares, como o famigerado All Black W. Whineray, talonadores como o inglês Eric Evans, considerado como um dos maiores de sempre, segundas linhas como o grande escocês W. J. McBride ou o actualíssimo Bill Beaumont. Mas não é o mais frequente escolher o capitão entre os cinco da frente, em entre os cinco de trás (onde também houve extraordinários comandantes, como o lendário centro galês John Dawes ou defesas como o escocês Tom Kierman).

São os cinco jogadores que ocupam as posições intermédias que estão idealmente colocados, no terreno e na missão, para apreciarem o jogo, decidirem consoante e comunicarem, com a facilidade e a urgência requeridas, as decisões tomadas à restante equipa.

Já me espraiei abundantemente sobre o assunto quando da «expedição a Inglaterra» em que se abusou de errar neste capítulo (O

RECORD, de 4 de Maio de 1980), bem como na abordagem filosófica do rugby no C D U L que pubiquei no n.º 1 desta REVISTA (pg. 13) e, a quem tiver ainda dúvidas sobre o problema, aconselho vivamente a leitura de qualquer livro técnico e muito especialmente o «THINKING RUGBY», editado por um dos maiores capitães de sempre, já atrás citado (John Dawes), nas páginas 22 a 26, ou o recentíssimo artigo da RUGBY WORLD do mês de Abril — WHERE THE CAPTAIN SHOULD PLAY? — anunciando o livro de Roger Utley e David Frost, «CAPTAINCY», cujo aparecimento está previsto precisamente para hoje, 13 de Abril, em que estou escrevendo estas linhas.

João Carlos, não estando já em competição Vítor Pereira (Académica) nem em forma Pedro Serpa Pimentel (C D U L), não tem, para mim, qualquer contestação como n.º 1. E trata-se dum estimável praticante, respeitado por todos os seus companheiros com cuja amizade conta. Foi nomeado capitão, segundo me dizem, por ser o mais antigo — não basta. Faltam-lhe realmente vários dos atributos que atrás referi e estou certo ser ele o primeiro a reconhecê-lo.

E um capitão não se inventa, não se improvisa. Descobre-se, acarinha-se, prestigia-se e prepara-se para a sua transcendente missão.

No caso presente, a selecção era composta por seis jogadores do C D U L, dois do Benfica, dois do Técnico, dois da Académica, dois da Agronomia e um do C D U P. Dos seis jogadores do C D U L, quatro tinham sido já capitães de selecções nacionais: João Pinto de Magalhães, em França (dos Juniores que ganharam a Taça do Presidente e a Taça do Fair-Play), Pedro Eiró e Domingos Megre, na Roménia (Menos de 21



Momento da marcação do primeiro ensaio do jogo de Coimbra, Duarte Lynce, após passe de Moita vai fazer o toque na área da Bélgica

anos) e Bernardo Marques Pinto contra a Espanha (Esperanças) e Suíça (Seniores); destes, três estão na posição considerada ideal para capitanear uma equipa — os n.ºs 10, 9 e 8 — e médio-de- formação, é o actual capitão do seu clube.

Não parece assim que a escolha do capitão e a sua aceitação pela equipa fosse problema.

E, neste caso, numa boa escolha, também me parece que estaria naturalmente indicado o «leador» do «pack» — não pelo que jogou em Coimbra, mas pela sua habitual personalidade de lutador contagiante, animado e animador, do princípio ao fim dos encontros: Dores (Técnico).

De qualquer modo, a equipa tem que ir para o campo consciente da estratégia escolhida mas não rigidamente espartilhada a um figurino previamente imposto e sim apta e rapidamente permeável às táticas que se forem verificando aconselháveis, segundo decisões tomadas em campo e não aguardando permanentemente que lhes sejam ditas de fora do rectângulo.

«A PACK OR A PUFF?»

Os britânicos dizem que «o jogo começa na 1.ª linha». E até recomendam, com uma

pontinha de exagero: «batam-nos na 1.ª linha e batê-los-ão em toda a parte».

Só estando em forma, Vítor Pereira ou Pedro S. Pimentel poderiam disputar um lugar de pilar e M. Saraiva o de talonador (com a vantagem de maior poder físico e maior movimentação no jogo aberto). A 1.ª linha apresentada era sem dúvida alguma a melhor de que se dispunha e penso poder dizer-se até que era boa, em valor absoluto. Ernesto Pinto ganhou mesmo o seu «match» particular por 2-1 (uma bola em cada parte, sob introdução adversária, contra uma perda na segunda parte, de introdução própria).

Então como se compreende que tivessem sido dominados ao ponto de terem sido vistos com os pés no ar, levantados pelo trio adversário?

Se é verdade que uma equipa joga o que o adversário e o árbitro deixam jogar, no caso vertente, sem monósprezo para a 1.ª linha belga, possante e sabedora (até demais), a 1.ª linha portuguesa jogou sem o devido apoio.

Há jogadores (pilares e 2.ªs linhas) a quem tanto faz jogar à esquerda como à direita. Mas há outros para os quais isso não é indiferente, por inclinação natural e/ou hábito tra-

duzido já muitas vezes até em musculação especializada e mecanização do gesto. Para estes, o trocar de lado, traduz-se em *desconforto* que é o pior inimigo dum dos cinco da frente: pilar ou 2.ª linha que não se sente «confortável» na sua missão, sofre uma depressão psicológica que se reflecte até no resto da sua actuação fora da «melée». Acresce que o «lock» esquerdo tem um jogo de pés coordenado com o canal de saída da bola escolhido pelo médio que tem que ser, como todos os gestos realizados sob pressão, uma segunda natureza, acto reflexo realizado independentemente do pensar.

Pareceu que Dores não estava nada à vontade do lado esquerdo, sobretudo no trabalho de pés, e julgo ter sido esta a causa primária da sua diminuição agravada por uma situação de inferioridade na «touche», sujeito a jogadores muito mais altos e «sabe-dores» perante a benevolência do árbitro, designadamente o apoio de que Stubbe sempre se serviu. Por isso nunca se viu o Dores que atrás referi, o animoso avançado com características de «leader».

O outro 2.ª linha, Rebocho (Académica), nunca tinha apoiado, certamente, um pilar

TEBE

Na Caça Submarina
No Remo
No Rugby
No Judo
No Atletismo
Na Natação
Vença com TEBE

artigos de desporto testados pela D G D

TEBE

TEBE

TEBE



Fase pouco esclarecida de ataque português — na pouco esclarecida segunda parte

que formasse tão baixo como Macieira o faz; resultado, empurrava-o com tendência a levantá-lo, tirando-lhe os pés do solo ou «subia-lhe pelas costas acima», imobilizando totalmente e pode acrescentar-se a isto que Luís Carlos (Académica), flanqueador do lado direito, também não deu o apoio devido, por instruções recebidas (?) ou por maneira pessoal e infeliz de interpretar a sua missão na «melée», abandonando-a para reforçar (?) a defesa. E se acrescentarmos ainda que a Bernardo M. Pinto não foi possível dar coesão aos «locks», pela sua maneira imperfeita de formarem, temos a explicação mais do que certa do nosso insucesso nas formações ordenadas, em que o nosso talonador, apesar de tudo, ganhou bolas... que os outros se encarregaram de tornar injogáveis. Sem força, por falta de coesão, nas nossas introduções para ganharmos bolas limpas, que nem os flanqueadores nem o n.º 8 melhoraram por adequada protecção ao médio, com formações permanentemente rodadas, envenenando as bolas para os dois lados, o jogo nesta fase estática não podia resultar.

Nas «touches», sem um árbitro à altura e sem altura para competir com os adversários, mesmo assim, as estatísticas dizem que «batemos» mais bolas do que os adversários — sem dúvida nas «touches» longas — no estilo «hospital pass» sem outro futuro que não fosse o de rebentar com o próprio médio, salvo três ou quatro bolas agarradas a duas mãos por Bernardo, mas infelizmente quase sempre seguidas de «peeling-offs» que, por tão repetidos, eram abafados no ovo, sem sequer se ultrapassar a linha-davantagem. De resto, foi notória a pobreza do nosso reportório neste capítulo.

Os reagrupamentos, alguns até provocados por valentes cargas portuguesas ou se disputaram em «mauls» em que continuamos a mostrar a nossa inépcia, ou foram transformados em empilhamentos onde «fomos levados» pelos belgas, sempre em falta, com o beneplácito do árbitro, como já explicitado.

Flanqueadores: não temos. Acabaram-se há já bastante tempo.

O n.º 6, Carlos Ferreira (Técnico) é um jogador com todas as características do esquema em que tem jogado todo um campeonato, dentro duma opção que tem sido extremamente eficaz para a sua equipa: jogo fechado, permanentemente integrado no «pack». O n.º 7, Luís Carlos (Académica), evidencia óptimas faculdades para o lugar mas orienta frequentemente mal a sua actividade, talvez por nunca ter sido levado a meditar sobre o papel dum flanqueador (gosto de concepções analógicas: para mim um flanqueador é como um falcão, que sai do punho do seu falcão disparado sobre o seu objectivo e volta célere ao mesmo punho cumprida a sua missão). Isto, porém, não lhe deve fazer esquecer que, tal como para qualquer outro avançado, a sua primeira missão é empurrar. Ora L. C. passou o jogo inteiro a fugir da formação, o que só é recomendável quando ela roda e o n.º 7 deve recuar para cobrir o espaço deixado livre pelo seu médio que tem de acompanhar a rotação da «melée»; e, quando em liberdade, mais do que um «flanker» é um «rover» e numa equipa moderna não há lugar para vagabundos, que, ainda por cima procuram sempre o «barulho». Na fase actual daria um excelente 2.ª linha, preso na «gaiola» (muito melhor do que o seu companheiro de clube que neste encontro se mostrou absolutamente inócuo). Num futuro próximo poderia ser um flanqueador como precisamos e que desde Manuel Ponte, J. F. Nobre Guedes e Gaspar Ramos (para não recuar para além de 1964 em que os 3.ªs linhas-asas gozavam de outras liberdades) e qualquer outro de que não me recordo agora, foram expoentes. É isto que Vasco Lynce, como antigo 3/4 ponta, começa a fazer (pena que Pedro Lynce, talvez por um certo pudor, descabido quanto a mim, não o tenha querido pôr a jogar, por ser seu irmão); é isto que C. Moita poderá ainda fazer melhor do que ninguém, na actualidade, em vez de andar a perder-se num lugar que já não lhe serve nem ele serve.

Enfim, neste desconcerto, salientaram-se individualmente Macieira, muito bem fora da formação — e, nestas, só não o foi pelas razões apontadas — nas suas placagens e cargas sem perda da bola; E. Pinto, vencedor do seu adversário directo em tão adversas condições e resistindo estoicamente a todas as agressões de que foi vítima; e Bernardo, se bem que muito abaixo da craveira a que nos habituou (cargas frontais em que a bola é perdida, saídas da formação demasiado frequentes, lentas e nem sempre oportunas, mas entregas da bola ao médio, tanto na formação como na «touche» — embora fosse o único que conseguiu captar a duas mãos algumas bolas jogáveis — e falta de iniciativa para mudar de lugar na «touche», indo ao meio do alinhamento surpreender os adversários).

A «CHARNEIRA» E A CAVALARIA

Se jogar atrás dum «pack» batido é do pior que pode acontecer a um médio, jogar atrás dum «pack» (?) completamente desorientado é... o fim!

E é até contagiante!

A parilha de médios começou — e bem — com todo o cuidado por parte de Pedro Eiró e, enquanto este se manteve em campo, mesmo em andamento reduzido, as coisas aí para trás não foram muito mal, sendo até a ligação entre os médios do melhor que se viu em campo e de que foi ponto culminante o ensaio já atrás descrito. Pena que Pedro Eiró tivesse desperdiçado tantas ocasiões de jogar à mão, quer em pontapés-de-penalidade (ordens são ordens!) quer no próprio decorrer do jogo, no que, aliás, foi seguido pelos seus centros (principalmente Duarte Lynce — também eram ordens?).

Saído Pedro Eiró, caiu-se mais uma vez no erro, já clássico no nosso rugby, de pôr Domingos Megre a médio-de-abertura: assim se degradou uma linha de 3/4, onde Mingas pontifica, sobretudo a defender, e se colocou à abertura um jogador que não tem as características requeridas pelo lugar nem para ele está preparado, nem psicológica nem fisicamente (por acaso, a coisa tornou-se logo evidente pois quase imediatamente J. P. M. conseguiu abrir uma das poucas boas bolas do jogo, vendo-se Mingas «ficar nos tacos» e indo a bola perder-se entre os centros). Estou certo de que a substituição de Pedro Eiró por D. Lynce seria o mal menor (uma vez que não havia um médio-de-abertura suplente, como Dídio de Aguiar, por exemplo) com todas as vantagens por D. L. estar mais preparado para o lugar e sem o inconveniente de tirar Mingas do centro onde é hoje um esteio da defesa e mesmo do ataque.

João Pinto de Magalhães, jogando nas condições em que jogou, mesmo com toda a sorte pelo seu lado, dificilmente poderia ter ido mais longe. Até três «ganchos» de excelente oportunidade que habitualmente executa muito bem para lançar o seu ponta do lado fechado, lhe saíram directos à «touche». Passou o jogo sem protecção tentando aproveitar as bolas de má qualidade que lhe apareciam — e foram quase todas, designadamente uma, no findar do encontro, que, rebolando pelo chão sob pressão adversária, conseguiu, mesmo assim, numa segunda tentativa, levantar, com uma só mão para o seu companheiro e que mereceu do comentarista da T V a classificação de ter sido um passe de má técnica (!). Realmente, é preciso ter-se jogado rugby para se interpretar estas e outras situações semelhantes.

E teve uma acção decisiva, como é seu costume, a defender, mais visível na segunda parte, placando «in-extremis» o n.º 10 belga em cima da «touche», já a caminho do ensaio, depois de ter passado toda a defesa, incluindo C. Moita, como que imobilizado, safando um ensaio certo numa altura do jogo de grande baixa psicológica da equipa portuguesa... que, poderia ter sido fatal. Tal como esta, mas com a mesma evidência de ensaio certo, teve acção semelhante junto da outra «touche». «Cadê» os flaqueadores? Os pontas? O defesa?

M. Saraiva Lima esteve muito confuso, talvez também contagiado, procurando com insistência o lado fechado. C. Moita continua o mesmo «furo» a defender — um autêntico «passador»; porém, por este encontro, não se pode pôr em dúvida a sua eficiência no ataque: de três (?) bolas que recebeu dos seus companheiros de equipa (há-de convir-se que é pouco para um 3/4 ponta esquerdo!) aproveitou uma para colaborar fundamental e decisivamente num lindo ensaio; dum mau pontapé dum adversário, mercê do seu poder e velocidade inicial (que fazem dele, potencialmente, um extraordinário flaqueador do lado aberto) construiu um ensaio que foi decisivo para as cores portu-

guesas, mas que só foi possível por Gramaxo (C D U P) — que pareceu o mais rápido de todos nas linhas atrasadas nacionais — ter ocorrido a tempo de recolher a bola de que Moita inteligentemente se desfez quando ia ser placado, para a dar a D. Lynce que seguidamente a entregou a D. Megre para este, imperialmente, a colocar entre os postes.

Certamente que Pedro Lynce tem os «tempos» dos seus seleccionados. Seria interessante saber-se se realmente Gramaxo é o mais rápido de todos, talvez depois de Pedro Eiró. Quando, em anterior crónica, dizia que Gramaxo tinha lugar assegurado na selecção, pensava justamente num lugar de 3/4 ponta e não à defesa, em que o suponho inferior a Manuel Costa (Belenenses), não dando, aliás, desta vez provas do contrário.

NOTAS FINAIS

Teria sido bom que a equipa (e se possível com indicação de alturas e pesos individuais) tivesse figurado no corpo do programa e não em folha solta. Mas compreende-se que possam ter surgido dificuldades por uma tardia indicação da constituição das equipas.

E já que se fala em Programa, na página dedicada a «Alguns Marcos dos Mais Importantes da História do Nosso Rugby», pena foi não se terem feito referências às duas efemérides mais antigas: 11 de Dezembro de 1903 em que pela primeira se jogou rugby em Portugal (entre dois «teams» ingleses) e 12 de Março de 1922 em que, também pela primeira vez, se realizou um encontro em que jogaram desportistas portugueses representando o recém criado Royal Football Club contra o Exiles Club de Carcavelos.

Pena também, para o «rugby vencedor» que se pretende divulgar, que a R. T. P. não tivesse começado pelo arejado jogo com a Suíça (mas «quem adivinha vai para a casinha»). Ou, pelo menos, com a primeira parte do jogo com a Bélgica, acontecendo, afinal, que, deste encontro, se deu apenas a parte menos favorável à selecção nacional.

De qualquer modo, é de louvar a R. T. P., que nos enche de «football», desde os jogos do Benfica aos do Cascalheira, por nos ter dado uma transmissão directa e quase inteira de um jogo de rugby nacional. E pena maior por o comentarista estar em dia tão pessimista ou menos clarividente, com apreciações acerca do jogo dos portugueses pouco construtivas, umas vezes por se tratar de pormenores reais mas escusadas para o tipo de público a que se dirigia, outros até por errada visão, precipitada ou técnica.

Quando eu, por exemplo, estou, como neste momento, escrevendo para gente de rugby e só gente de rugby, e digo as «minhas verdades», doa a quem doer, estou cumprindo uma obrigação pondo a nú, em meio próprio, as nossas carências. Quando utilizando meios que atingem a mais heterogénea das audiências se citam pormenores críticos, que quase ninguém entende mas de que apenas se guarda a ideia de que se joga muito mal (com todos os riscos ainda de, falando em cima dos acontecimentos, se errar, por má e precipitada visão ou por falta de conhecimento intrínseco de quem nunca praticou), parece não ser o mais proveitoso para a modalidade que se pretende aca- rinhlar.

De qualquer forma, esperava que a transmissão fosse pior, se bem que me pareça que — e aqui estou eu agora, por minha vez, a correr o risco de meter o pé na poça ao falar de coisas de que não sei — na «regie» nem sempre se escolheram as melhores imagens.

E isto, é como para a arbitragem (e, aliás, também para muitos jogadores incipientes) o grande problema de saber responder ao WHAT'S ON?

Ao sair do Estádio Universitário de Coimbra ouvi alguém dizer tratar-se «dum jogo para esquecer». Tenho precisamente a opinião contrária. São as coisas que saíam mal — ou em que se erra — que obrigam as pessoas honestas e esclarecidas a meditar, e encontrar as soluções, mesmo que seja arrepiando caminho. ■

jogar a...

“Transferido” para Maio

Por dificuldade de espaço, o «Jogar a... Formação» foi... «adiado» para mês que vem. Na realidade, as nossas 34 páginas já são muito «curtas» para nelas conseguirmos «encaixar tudo aquilo que projectamos incluir na revista.

Número a número temos vindo a deixar de fora bastante material — inclusivamente já composto «maquetado» — e desta feita foi a vez do «Jogar a...», o que lamentamos. Mas tivémos que optar entre aquelas «peças» que perderiam actualidade e as chamadas «intemporais». Assim «sacrificámos» uma secção já habitual e que sabemos tem sido acompanhada com bastante interesse. Daí esta explicação.

Mas em Maio ela voltará.



Imagem que se pode considerar simbólica. «O «capitão» francês, Jean-Pierre Rives (encoberto), placa Bill Beaumont, impedindo a sua progressão, como a França impediu que a Inglaterra bisasse o triunfo no torneio

CONQUISTA DO "GRAND SLAM" ATÉ FRANCESES SURPREENDEU

PEDRO SOUSA RIBEIRO

A vitória da França no Torneio das Cinco Nações de 1981 e, particularmente, a conquista do seu terceiro «Grand Slam», constitui uma surpresa, mesmo para os próprios franceses.

Na realidade, depois de um início de época decepcionante (derrota copiosa na África do Sul, derrota na Roménia e exibições pouco convincentes com o Japão e URSS) os franceses conseguiram estruturar uma «equipa de combate», que, à medida que o torneio foi avançando se foi gradualmente consolidando. E para culminar «em beleza», foi arrancar uma convincente vitória a Twickenham, um campo onde sente, tradicionalmente grandes dificuldades.

Outra grande surpresa, mas esta de sentido inverso, foi a Irlanda, que, antes do início da prova era apontada, quase unânimemente, como grande favorita, mas que acabou por não conseguir vencer qualquer jogo, se bem que todas as suas derrotas tenham acontecido por pequenas margens de

pontos.

Mas a principal característica do torneio deste ano foi o equilíbrio. Basta dizer que a maior diferença em todos os jogos foi de nove pontos (Escócia-Gales) e que oito dos dez encontros terminaram com uma diferença igual ou inferior a seis pontos.

FRANÇA: AVANÇADOS PREPONDERANTES

Numa breve análise às cinco equipas em presença, pode dizer-se que a França baseou a sua acção no conjunto de avançados. Apresentou uma primeira e segunda linha de grande solidez e que impôs a sua lei nas «melées» e nos reagrupamentos. Papariborde apareceu completamente recuperado e Revallier foi uma precoce revelação. Qualquer deles e o talonador Dintrans e a sempre presente terceira linha desempenharam um papel preponderante nas vitórias obtidas e constituíram a base da sua manobra global. Os «tricolores», aliás, sacrificaram um pouco a conquista da bola na «touche» (só Joinel



Rives, a única, pode dizer-se, «vedeta» da equipa «tricolor»

conseguiu equilibrar as disputas no fim dos alinhamentos) em favor do poder de percus-

"cinco nações"

são e de cobertura do «pack». De referir ainda que a escolha dos avançados partiu do princípio de que é fundamental uma «melée» sólida, capaz de pôr os adversários sempre em dificuldade. Isso verificou-se particularmente nos jogos com a Escócia e Inglaterra, e por períodos, com a Irlanda.

Nas linhas atrasadas, Berbizier não foi o médio de formação que a equipa merecia, se bem que a sua cobertura de terreno tanto ofensiva como defensiva tenha sido sempre exemplar. Mas nas suas funções específicas demonstrou bastantes limitações.

Revelação foi sem dúvida o abertura La-porte, um chutador de nível e, principalmente, capaz de executar «drops» que desde o tempo do lendário Albaladejo («Monsieur le Drop») já se não viam nos campos de rugby europeus. As restantes linhas atrasadas tiveram excelente actuação defensiva, sendo a sua defesa individual sempre eficaz. No ataque deram, por norma, bom andamento ao jogo que lhes foi fornecido.

INGLATERRA: FALHAR A CONFIRMAÇÃO

A Inglaterra, por seu turno, não conseguiu confirmar o categórico triunfo do ano anterior. Os abandonos de Fran Cotton, Utley e Neary não foram eficazmente preenchidos e o seu «pack» sentiu-o. A lesão de Cotton, aos 15 minutos do primeiro jogo, contra Gales, constituiu uma baixa importante de que a equipa não mais se refazia.

não conseguiu a superioridade demonstrada nesse sector nos anos anteriores. Daí resultaram duas derrotas.

ESCÓCIA: MELHOR DO QUE SE PREVIA

No que diz respeito à Escócia, a sua actuação foi bastante melhor do que se previa. As linhas atrasadas deram sempre bom andamento ao jogo e tentaram, por norma, alargá-lo, de forma a poderem, pela velocidade e variedade, bater as defesas contrárias.

O seu «capitão» Andy Irvine esteve em plano abaixo do que havia feito em anos anteriores, especialmente no capítulo defensivo, onde cometeu erros que nalguns casos foram fatais.

Os avançados, entretanto, melhoraram de rendimento relativamente a 1980, especialmente a terceira linha, sector onde tanto Beattie como Leslie e Calder se mostraram jovens com largo futuro. Apenas a primeira linha não possui a solidez necessária para uma grande equipa.

Os médios foram «só» os melhores do torneio. Laidlaw é, neste momento, o formação mais rápido e arguto das Ilhas Britânicas e Ruherford confirmou em absoluto o que havia prometido no ano anterior. No seu último jogo contra a Irlanda, num campo em péssimas condições, tomou sempre as decisões correctas, mostrando claramente que está a atingir a maturidade necessária para ser um grande abertura.

Se no próximo Verão, aquando da digressão à Nova Zelândia, a Escócia conseguir consolidar esta equipa há que contar com ela

actuações.

Apenas o «pack» avançado — onde os veteranos Graham Price e Alan Martin foram os elementos de melhor produção — conseguiu evitar o descalabro total. Foram precisamente os avançados pelo domínio que exerceram sobre os seus homólogos ingleses e irlandeses, os artífices das duas vitórias alcançadas.

Uma época para esquecer e logo no ano em que a federação galesa comemora o seu centenário. A extraordinária popularidade que o jogo desfruta em Gales, onde é vivido com particular intensidade, levará, porém, dentro em pouco a equipa nacional de novo a desempenhar o papel preponderante que deteve na década de 70. Ainda que «foras de série» como Gareth Edwards, Barry John ou Phil Bennett, para só citar estes, não apareçam todos os dias.

IRLANDA: SURPRESA PELA NEGATIVA

A Irlanda, finalmente, como já se disse, foi a grande desilusão. Passou da posição de favorita para o último lugar, sem qualquer vitória. Tal constituiu castigo demasiado severo para uma equipa que foi quase sempre infeliz. Nunca esteve longe da vitória, em todos os jogos, e acabou por perdê-los todos por insuficiência dos seus chutadores considerados (justamente) os melhores do torneio.

Na realidade, quer Campbell quer Ward falharam estrondosamente em momentos capitais — ainda por cima em situações que normalmente não desperdiçam. Estes e o formação Robbie (sempre longe do seu antecessor Patterson) que esteve hesitante, pouco rápido e tomou decisões erradas, foram os grandes responsáveis pela «desilusão» irlandesa.

O bloco de avançados teve actuações razoáveis e conseguiu, quase sempre, pelo menos equilibrar as «operações com os seus opositores directos. Apenas no encontro com Gales teve várias situações de dificuldade nas «melées», que valeu dois pontapés de penalidade que ditaram a derrota.

Enfim, este foi um torneio que acabou por ter na França uma equipa humilde e sem vedetas, um justo vencedor. Não sendo um «quinze» brilhante a França, tal como disse um comentador britânico, tem necessariamente de constituir uma boa equipa, pois só as boas equipas conseguem alcançar o «Grand Slam».

A finalizar uma referência para o jogo Inglaterra-Escócia, o único verdadeiramente espectacular, e no decorrer do qual se marcaram seis ensaios, nada mais nada menos que 25% do total dos que foram obtidos em todo o torneio.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

	V	D	M-S	P
França	4	—	70-49	8
Inglaterra	2	2	64-60	4
Escócia	2	2	51-54	4
País de Gales	2	2	51-61	4
Irlanda	—	4	36-48	0

ESTATÍSTICA

	Ensaio	Drop	P.Tr.	P.P.
França	6	4	2	10
Inglaterra	6	—	2	12
Escócia	7	1	4	4
País de Gales	2	2	2	11
Irlanda	4	2	1	4

A primeira linha esteve sempre em dificuldade, em todos os jogos, e a sua formação não constituiu a sólida plataforma necessária ao desenvolvimento de jogadas atacantes.

As linhas atrasadas demonstraram que têm potencialidades para virem a constituir um bloco de que os ingleses há já muitos anos não dispõem. Pena foi que não tenham disposto do número e qualidade de bolas que lhes permitissem demonstrar essas potencialidades. Os novos «internacionais» H. Davies e M. Rose vieram dar ainda maior abertura às possibilidades atacantes da equipa.

Mas sua linha avançada, apesar do exemplo do «capitão» Bill Beaumont — sempre na primeira linha de combate —

para o próximo torneio.

GALES: GRANDE DESILUSÃO

O País de Gales — detentor do melhor «palmarés» na prova — foi uma desilusão. Nada de válido conseguiu fazer no ataque, registando uma produção quase nula. Os dois ensaios que marcou em quatro jogos falam por si. E desses, um (contra a Inglaterra) foi fruto de um clamoroso erro defensivo e o outro (contra a França) resultou de uma jogada individual de Richards. Há já muitos anos que Gales não mostrava tantas insuficiências ofensivas e pode considerar-se que ter conseguido duas vitórias constitui prémio demasiado para a modéstia das suas

Inglaterra 12 - França 16

AVANÇADOS GAULESES: OS "HERÓIS"

Pela a exibição que produziu no primeiro tempo, a França mereceu o triunfo sobre a Inglaterra, em Twickenham, na partida que decidiria da conquista do «Grande Slam» e o triunfo isolado no torneio.

Apesar do seu primeiro ensaio nunca dever ter sido concedido, pois a «touche» rápida que o originou foi executada com uma bola diferente daquela com que o jogo estava a decorrer — o que contraria aquilo que as Leis do Jogo estipulam — tal não tira o mérito ao triunfo «tricolor».

A França produziu alguns excelentes movimentos que justificam, até, a conquista do «Grand Slam». Os avançados foram, pode dizer-se, os «heróis» do jogo, pois se bem que a Inglaterra tivesse nas «melées» a maioria das introduções, a pressão exercida pelo «pack» francês foi de tal ordem que os ingleses não dispuseram praticamente de nenhuma bola.

A terceira linha gaulesa nunca permitiu a Steve Smith liberdade de acção e impediu-o de lançar acertadamente as suas linhas atrasadas. O vento forte que se fez sentir durante todo o jogo, favoravelmente aos franceses no primeiro tempo, constituiu, também, um factor importante para o desfecho da partida. Abra-se um parêntesis para referir que foi o



O defesa M. Rose revelou-se no jogo com a França, um excelente chutador

«capitão» inglês Bill Beaumont quem escolheu campo. A decisão que tomou, sempre discutível, acabou por influenciar na derrota que a sua equipa sofreu.

A perder ao intervalo por 16 pontos, a Inglaterra apresentava-se com poucas hipóteses de virar o resultado. Mas tentou-o desesperadamente, conseguindo, a pouco e pouco ir reduzindo a diferença, graças aos pontapés de Marcus Rose, chegando a pensar-se que a reviravolta seria possível. Mas a defesa francesa mostrou-se implacável não dando espaço de manobra ao seu adversário.

Em resumo, poderá dizer-se que venceu (bem) a equipa que marcou dois ensaios, que dispôs sempre de uma melhor plataforma atacante, e melhor aproveitou o vento forte que soprava em Twickenham.

AS EQUIPAS

Sob arbitragem do escocês Alan Hosie — que realizou bom trabalho, excepto no «laps» do primeiro ensaio francês — as equipas alinharam e marcaram:

INGLATERRA — Smart, Wheeler e Blakeway; Beaumont e Colclough; Jeavons, Cooke e Scott; S. Smith e Davies; Carleton, Dodge, Woodward e Slemen; Rose (3.3.3.3).

FRANÇA — Dospital, Dintrans e Pappremborde; Revallier e Imbernon; Rives, Lacans (4) e Joinel; Berbizier e Laporte (3.3.2); Blanco, Codomiu, Bertranne, Pardo (4); Gabernet.

Escócia 10 - Irlanda 9

MEIO TEMPO PARA CADA EQUIPA

O jogo Escócia-Irlanda foi disputado sob chuva, que tornou o relvado de Murrayfield extraordinariamente pesado e, portanto, difícil de movimentar a bola à mão.

A Escócia dominou no primeiro tempo, impondo-se através dos pontapés tácticos dos seus médios (Laidlaw e Rutherford), conseguindo colocar, durante quase todo o tempo, o jogo no meio campo irlandês. Realce-se a acção soberba de Tomes na «touche» e a excelente exibição da terceira linha, especialmente do n.º 8, Beattie, que se tem vindo a afirmar como o melhor jogador das Ilhas Britânicas nessa posição.

Os escoceses inauguraram o marcador com um «drop» de Rutherford e pouco depois conseguiram o seu ensaio, por Bruce Hay, que interceptou, ainda no seu meio campo, um passe de Irwin para Hooks, indo marcar à ponta. Pouco depois

a Irlanda falhou a sua única oportunidade de marcar no decorrer do primeiro tempo, quando Campbell falhou um pontapé numa posição em que para a sua reconhecida capacidade seria facilmente transformável. Ainda nos primeiros 40 minutos, Irvine colocou o resultado em 10-0, ao transformar um pontapé de cerca de 40 metros em posição frontal aos postes.

No segundo tempo os avançados irlandeses e os seus médios subiram de produção e passaram a pressionar fortemente os escoceses. À medida que o tempo passava as condições do terreno iam-se tornando piores e os erros de cada lado mais frequentes. Finalmente, Campbell conseguiu fazer passar um pontapé de penalidade, seguido, pouco depois, pelo ensaio da Irlanda.

Irvine só captou uma bola, vinda do ar,

após o primeiro ressalto, evitou a tentativa de placagem de McLennan e Slattery, mas quando pretendia chutar à «touche», o pontapé foi carregado por Irwin, que perseguiu a bola, conduziu-a ao pé para dentro da área e marcou no meio dos postes.

Campbell transformou e, daí até final, a Irlanda exerceu forte pressão, procurando virar o resultado.

AS EQUIPAS

Sob arbitragem do inglês L. Prideaux, as equipas alinharam e marcaram:

ESCÓCIA — Aikten, Deans e Rowan; Tomes e Cuthbertson; Calder, Leslie e Beattie; Laidlaw e Rutherford (3); Hay (4), Renwick, Robertson e Munro; Irvine (3).

IRLANDA — Orr, Cantrell e Fitzpatrick; Foley e Keane; O'Driscoll, Slattery e Duggan; Robbie e Ward; McLennan, Irwin (4); Campbell (3.2), Hooks; Mac Neill.

RELATÓRIO BURGESS

Um sub-comitê da RFU, liderado por John Burgess, estudou, durante mais de um ano, as alterações ao actual sistema da competição em Inglaterra, onde não há campeonato entre clubes, mas apenas o Campeonato de Condados (o Thorn Trophy), uma prova a eliminar (John Player Cup) que ocupa somente sete sábados da época e os jogos particulares, estabelecidos desde há longos anos, entre os diversos clubes e que se mantêm nos mesmo sábados de cada temporada. Alguns deles contam para uma classificação de características regionais, as Merit Tables, que dão acesso à John Player na época seguinte.

O relatório desse sub-comitê conhecido pelo nome do seu «leader» — «Relatório Burgess» — sugeria alterações radicais, propondo, a implantação de campeonatos com I, II e III divisões, disputados por dez equipas a uma volta; eliminação da Player Cup; instituição de um campeonato zonal, com o país dividido em quatro áreas, que se defrontavam em «poule» a duas voltas (seis jornadas); e «degradação» do Campeonato de Condados, em cujas equipas não se integrariam jogadores das I e II divisões.

Depois de largamente discutido pelos clubes e federações regionais, o «Relatório Burgess» foi votado na reunião plenária da Federação Inglesa, no dia 20 de Fevereiro, e rejeitado, na generalidade, por 30 votos contra 20.

Dois pontos originaram forte oposição: a «degradação» do campeonato de Condados e a eliminação da John Player Cup. No entanto o documento não foi totalmente abandonado. Nessa reunião da RFU, foi decidido

manter o Thorn Trophy na sua forma actual; manter a John Player; estabelecer um Torneio Zonal, com a Inglaterra dividida em quatro zonas, que se defrontam em «poule» a uma volta (três jornadas); estudar as implicações financeiras, especialmente no que respeita a deslocações, de um sistema de campeonatos apresentando as conclusões à reunião anual da RFU em Julho próximo. É muito possível que o sistema proposto pelo «Relatório Burgess» venha a ser aprovado e posto em vigor na época de 83/84.

A implantação de um sistema de campeonatos tem tido a oposição dos grandes clubes», e o apoio dos pequenos. Os «Junior clubs», com efeito, pretendem a disputa dessas provas pois será a única forma de conseguirem quebrar aquilo a que chamam o «monopólio dos grandes», que tendo a sua lista de jogos anual totalmente preenchida não dão qualquer hipótese aos «pequenos», que têm vindo a evoluir de forma positiva, de conseguirem marcar jogos com equipas mais fortes.

Assim, mantendo-se o sistema actual, as chamadas grandes equipas, mesmo que nos últimos anos tenham descido de nível, continuam a ter os jogos habituais contra os outros «grandes», que se mantêm de época para época. Os «pequenos», terão com os campeonatos a possibilidade de quebrar este monopólio, pois, os clubes passarão a estar agrupados pelo seu real valor. E argumentam que, o sistema proposto pelo Relatório Burgess ocuparia apenas nove sábados, deixando ainda muitas datas livres para a realização dos jogos tradicionais, a que os «grandes» tanto se agarram. — PSR

GALES NÃO «SAI»

Dos «cinco» grandes da Europa, somente o País de Gales não efectuará qualquer digressão no próximo Verão.

Na realidade, para lá das já noticiadas deslocações da Irlanda, à África do Sul (que continua a provocar larga polémica) e da Escócia, à Nova Zelândia, a França, em Junho e Julho, estará na Austrália, onde disputará nove jogos, incluindo dois «test-match», e a Inglaterra excursiona até à Argentina, de 16 de Maio a 6 de Junho.

CARDIFF GANHOU WELSH CUP

O Cardiff, pela terceira vez na final, conquistou o «Schweppes Trophy» —

correspondente galês da «John Player Cup» — ao bater o Bridgend, vencedor do

A prova disputa-se desde 1972 e o Cardiff havia jogado a final, e perdido, em 1973 (frente ao Llanelli, por 30-7) e em 1977 (com o Newport, 15-16).

JOHN PLAYER: GOSFORTH NA FINAL

O nosso bem conhecido Gosforth é o favorito para o triunfo final na John Player Cup, única prova de clubes que se disputa em Inglaterra. O jogo decisivo desta competição a eliminar disputa-se-à, em Twickenham, no dia 2 de Maio, e o adversário da equipa de Steve Gustard será o Leicester.

Nas meias finais o Gosforth bateu o Mose-



Phil Bennett

BENNETT DEIXA O RUGBY

Phil Bennett, o célebre médio de abertura e «capitão» da equipa do País de Gales, anunciou a sua intenção de se retirar definitivamente, a partir de agora, dos campos de rugby.

Com 32 anos, Bennett, que iniciara a sua carreira internacional em 1969, jogou 29 vezes com as cores do seu país e oito vezes pelos «Lions», que capitaneou durante a digressão de 1977 à Nova Zelândia.

Bennett, que abandonara voluntariamente em 1980 o seu lugar na equipa de Gales, foi o detentor até ao ano passado do «record» do Mundo de pontos marcados em jogos internacionais — 166 pelo País de Gales e 44 pelos «Lions». Com efeito, o «record» só foi superado em 1980 pelo defensor escocês Andy Irvine.

Bennett, que continua em grande «forma», anunciou a sua retirada no dia 18 de Abril, depois da vitória, por 31-0, do seu clube (Llanelli) sobre o Northampton.

ley por 24-3, e o Leicester afastou o London Scottish, ganhando por 18-12 (nesta partida todos os pontos resultaram de pontapés ou «drops»).

Refira-se, entretanto, que no jogo dos quartos de final, que fora adiado, o Gosforth bateu o Nottingham por 28-7.

assine

RUGBY

REVISTA

Preencha o cupão, recorte-o e envie-o
juntamente com o seu cheque ou vale do correio, para:

RUGBY-REVISTA

Rua Augusto Gil, 12-2º Esq.
1000 LISBOA



QUERO ASSINAR RUGBY-REVISTA

NOME: _____

IDADE: _____ PROFISSÃO: _____

MORADA: _____

A partir do nº _____

8 Numeros - 280\$00

JUNTO ENVIO A IMPORTÂNCIA
EM CHEQUE
VALE DO CORREIO

**RECEBA
EM SUA CASA**

rugby-revista

**PONTUALMENTE
E SEM MAIS INCOMODOS**



Mitre / MULTIPLEX

**A BOLA
QUE O RUGBY
PREFERE**

***FAMOSA INTERNACIONALMENTE
PELA SUA QUALIDADE E DURAÇÃO***

Mantém o peso e a forma
mesmo em condições extremas de humidade!

• TAMANHOS 3/4/5 •